revistaensinosuperior.com.br

ensino superior

ANO 20 • 2019 • Nº 242 • R$ 15.90

Financiamento
A viabilidade do financiamento estudantil ECR

Tendências
O futuro do ensino superior

Vida acadêmica
Como fortalecer o vínculo com os estudantes



Currículo aberto: quem decide é o aluno

Ao oferecer diferentes percursos formativos, instituições dão autonomia para os estudantes seguirem seus interesses

Leandro Karnal A universidade ainda não foi superada

APRESENTADO POR Blackboard®



A tecnologia e as novas formas de pensar a educação

Inovação, disruptura, foco no usuário: como a mudança de mindset se enquadra no dia a dia das IES – conheça exemplos de aplicação desses conceitos na prática

por Marcelo Daniel

O ato de mudar ou transformar o *mindset* está ligado a ressignificar experiências, bem como, à percepção da realidade – e, com isso, estar mais aberto a novas habilidades e conhecimentos.

No mundo corporativo, em linhas gerais, os exemplos mundialmente conhecidos desse tipo de transformação são os aplicativos de sucesso como Airbnb, Uber, Spotify etc. O que essas propostas revolucionárias têm em comum?

Foco no usuário

Elas não foram desenvolvidas por instituições já estabelecidas no mercado, mas por outros agentes, que inovaram e revolucionaram a forma como esses serviços eram distribuídos e utilizados, para atender, em massa, às necessidades.

"No segmento de educação, essa proposta resulta em recursos cada vez mais intuitivos, que demonstrem resultados analíticos, privilegiando a experiência do usuário (UX) – como alunos e professores", afirma a consultora do Grupo A, Fernanda Furuno.

Interface amigável

As experiências dessa "nova geração" de ferramentas são baseadas em produtos com interfaces amigáveis. "Com interações descomplicadas, design clean, simples e que são divertidas de usar – em qualquer *device*", pontua a consultora.

Experiência transformadora

Alunos do **Centro Universitário Sumaré**, em São Paulo, utilizam um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como ferramenta de transformação, já no primeiro dia de aula. "Não é apenas um repositório de conteúdo, podemos extrair dessa ferramenta exercícios, jogos, debates, análise de performance etc", afirma o pró-reitor, Edgar Ishibashi.

Personalização do conteúdo e do tempo

Na plataforma de aprendizagem utilizada pela **Saint Paul Escola de Negócios**, em São Paulo, os alunos dos cursos de MBA e pós-graduação assistem às aulas, fazem avaliações e recebem conteúdo com base em tecnologia de inteligência artificial, que se adapta às necessidades de aprendizagem.

E mais, desenvolvida com intenso planejamento em UX, oferece ainda a possibilidade de assinatura, para assistir aos vídeos e fazer o curso em um consumo "*on demand*".

"A personalização passa, também, pelo tempo, com os micro momentos: aulas com duração entre cinco e dez minutos, que são construídas assim e a plataforma ajuda o aluno a encaixar o melhor conteúdo para aquele momento", explica o diretor de Inovação e Transformação Digital, Marcos Sanchez.

As experiências acima descritas utilizam, em algum momento, recursos e aplicações das plataformas disponíveis pela **Blackboard**, líder mundial em tecnologias educacionais.

www.grupoa.com.br

› grupo a EDUCAÇÃO ‹

ensino BRAND STUDIO

DeBem

Sumário



16 **Entrevista**
Professor da Unicamp desde 1996, Leandro Karnal reflete sobre formação de professores, os novos modelos de ensino e as crises da sociedade



22 **Capa**
Graduações com currículos abertos ensinam na prática autonomia e responsabilidade. Outra vantagem é oferecer uma formação mais ampla e personalizada



30 **Financiamento**
Especialistas analisam a viabilidade do modelo de financiamento conhecido como ECR. Confira também o resultado de um estudo sobre cobrança na rede pública



38 **Vida acadêmica**
Instituições apostam em programas acadêmicos completos para fortalecer o vínculo com os alunos e aumentar o impacto da formação superior



44 **Tendências**
Acontecimentos podem tomar rumos inesperados, mas é possível antever alguns cenários. Na área da educação, deve ganhar espaço a transformação digital, do negócio e do ensino



Seções

6 Mural
9 Indicadores
12 Inovações acadêmicas
14 Educação no mundo
48 Meu trabalho transforma
50 Cultura

Em defesa das filantrópicas

Hermes Figueiredo
presidente do Semesp



As instituições de ensino superior filantrópicas concedem, anualmente, mais de 400 mil bolsas de estudo, além de desenvolver mais de 2,8 mil projetos sociais e atender mais de 7,1 milhões de pessoas em projetos de assistência, como mostrou um estudo do Semesp. Como reconhece o próprio MEC, elas "contribuem de maneira efetiva para o processo de inclusão social no país", garantindo o alcance dos objetivos da assistência social previstos na Constituição Federal ao amparar as pessoas carentes e possibilitar sua promoção ao mercado de trabalho.

O fim da isenção previdenciária pode levar à extinção de milhares de bolsas

A proposta do senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), relator da reforma da Previdência no Senado, de acabar com a isenção previdenciária das entidades filantrópicas que atuam na área educacional nos parece uma medida despropositada. Além de ignorar o impacto social dessas instituições, a iniciativa desconsiderar alguns fatos. Aplicando a imunidade prevista do INSS em troca da concessão de 10% das vagas ofertadas em bolsas de estudos integrais no ProUni, requisito totalmente legal, o valor da imunidade é de R$ 1,35 bilhão por ano. Em contrapartida, as instituições concedem 105 mil bolsas integrais somente pelo ProUni, exclusivamente como contrapartida da imunidade da cota patronal do INSS. Se o setor público passasse a ofertar estas mesmas 105 mil vagas, seriam necessários R$ 2,8 bilhões ao orçamento, soma muito superior à renúncia fiscal concedida.

Além disso, um estudo realizado pelo Fórum Nacional de Instituições Filantrópicas comprovou que a cada um real obtido por isenções fiscais, cada instituição filantrópica retorna R$ 5,92 em benefícios para a sociedade.

Esperamos que esses e outros pontos sejam mais bem discutidos para evitar que milhões de pessoas fiquem desassistidas. A atuação dessas entidades educacionais ajuda a reduzir as desigualdades sociais e regionais, além de elevar a qualificação das pessoas e, consequentemente, o nível de contribuição à seguridade social.

Plataforma Aberta + Suporte Completo = Mais Inovação



Obtenha mais liberdade acadêmica e integrações para criar experiências de aprendizado personalizadas.

A Plataforma Aberta do Canvas* permite integrar as ferramentas e os recursos que você precisa para obter os melhores resultados. Tudo isso com um Serviço e Suporte desde a migração de seu antigo LMS até a conclusão de suas metas acadêmicas.

* O Canvas é de código aberto e segue os padrões API e LTI. Visite o EduAppCenter e saiba mais.

Agende uma demonstração e descubra por quê o Canvas tem os maiores índices de migração do mercado:

canvas

www.canvaslms.com/brasil
canvasbrasil@instructure.com
(11) 4680-6763

Os grandes desafios da formação de professores

Desde que foi indicada ao Global Teacher Prize, que destaca o melhor professor do mundo com um prêmio de 1 milhão de dólares, Débora Garofalo ampliou consideravelmente o alcance de suas ideias, tornando-se uma formadora de opinião. Convidada a dar palestras e a escrever em veículos de comunicação, a professora da rede pública municipal também passou a integrar a equipe da Secretaria Estadual de Educação, onde lidera projetos de inovação nas escolas.

Em um debate com outras professoras durante o 3º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação (promovido pela Jeduca), ela chamou a atenção para a necessidade de remodelar a formação docente. "Nossos professores não se sentem preparados para lidar com uma sala de aula. Muitos ingressam no serviço público e saem por falta de condições." Garofalo, que desenvolveu um projeto de robótica com sucata para provar a seus alunos que a atividade não era exclusividade de escolas particulares, também criticou a formação a distância. "Médicos não se formam a distância. Professores também não deveriam", disse. Além de defender a formação presencial, a professora acredita que as licenciaturas deveriam ser ofertadas em tempo integral para dar aos alunos a oportunidade de se aproximar da realidade das escolas enquanto se formam.

Elba Siqueira de Sá Barretto, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da USP, concorda com a necessidade de rever o currículo dos cursos de formação docente, considerados "inadequados". "Além disso, os estágios raramente atendem às necessidades efetivas de formação. Quanto à formação a distância, ela ressaltou que os programas EAD não são *a priori* nem bons nem ruins, mas reconhece a existência de programas de baixa qualidade, ofertados em massa a um custo muito baixo. "De modo geral, eles custam até 80% menos que um curso presencial", pontua.

Com apenas 22 anos, Gabriella Freire, professora da Escola Municipal Vereador Paulo Barenco, em Magé (RJ), falou da perspectiva de alguém que está se formando justamente a distância. "Eu estudo a distância porque preciso trabalhar. É muito difícil conciliar as duas coisas e onde eu moro não tem faculdades por perto. Mas isso não quer dizer que estou menos preparada", pontuou a jovem professora, que ganhou notoriedade por conseguir elevar a autoestima de seus alunos e, consequentemente, seus desempenhos escolares. Na opinião de Freire, o problema não está na modalidade, mas no currículo. "Nem nos cursos presenciais nem nos cursos a distância nos ensinam a dar aulas de verdade", pontuou.

Gabriella Freire e Débora Garofalo (à dir.) defendem mudanças no currículo dos cursos de formação docente





Divulgação Jeduca



Juca Rodrigues

A transformação do aluno

Partindo do entendimento de que o ensino superior tem um efeito transformador na vida de muitas pessoas, o professor Juca Rodrigues, da Universidade São Judas, resolveu registrar esse processo. Sem avisar previamente os alunos, ele começou a circular com sua câmera pelo campus da Mooca para captar momentos representativos dessa trajetória. "Exatas 10.246 fotos. Ao longo de 14 dias, esse foi o número de vezes que acionei o botão disparador da minha câmera fotográfica para realizar a exposição 'Vir a ser'. Os alunos foram a grande razão dessas milhares de fotografias. Vi salas inteiras em total silêncio antes de uma prova teórica, vi outras em total confusão antes da mostra final de um trabalho prático. Vi gente estudando, correndo, rindo, gargalhando, trabalhando, suando, pensando, compartilhando. Vi gente querendo ser feliz, sonhando em ser alguém", destaca o fotógrafo e professor de comunicação social. A mostra permaneceu em cartaz durante aproximadamente um mês no campus da Mooca.

C A L E N D Á R I O

SETEMBRO

26 e 27 21º Fnesp

OUTUBRO

22 Jornadas Regionais – São José do Rio Preto

NOVEMBRO

29 e 30 19º Conic-Semesp

Uma aposta na produção de conteúdos relevantes

A Universidade Presbiteriana Mackenzie lançou um blog (https://blog.mackenzie.br/) para publicar conteúdos de interesse de alunos, egressos e potenciais alunos. Os posts trazem informações para quem deseja conhecer mais sobre a área de TI ou sobre as possibilidades de carreira de quem estuda Farmácia, por exemplo. Há também orientações para quem tem dúvidas sobre como se destacar no LinkedIn, como se preparar para uma entrevista de trabalho, negociar um aumento salarial ou aumentar a produtividade. A produção de conteúdo é feita pela NZN, empresa de publicidade e comunicação on-line.



Unindo esforços pela transformação digital

A irreversível transformação digital das instituições de ensino superior afeta todas as suas áreas de atuação e é de tal forma complexa que não pode ser tratada individualmente por cada IES, em cada país. Partindo desse princípio, a Universia, ligada ao Santander, criou o projeto MetaRed, cujo objetivo é ajuda nesta transformação ao compartilhar esforços e contribuir com as boas práticas dos diferentes países em que está presente (até o momento, são oito).

No Brasil, o projeto será lançado oficialmente em 8 de outubro na Universidade Cruzeiro do Sul. O professor Hermes Figueiredo foi escolhido para presidir a MetaRed Brasil. Fábio Reis, diretor de Inovação e Redes de Cooperação, assumiu a coordenação. Qualquer instituição de ensino superior, pública ou particular, pode participar. Para se inscrever no evento, acesse https://bit.ly/32cbV2d. Os interessados também podem procurar o Semesp para obter mais informações.

Diretoria SEMESP

Presidente
Hermes Ferreira Figueiredo

1º Vice-Presidente
Thiago Rodrigues Pêgas

2º Vice-Presidente
Valdir José Lanza

3º Vice-Presidente
Lúcia Maria Teixeira

1ª Diretora-Secretária
Tania Cristina Bassani Cecílio

2º Diretor-Secretário
Ruy Guérios

1ª Diretora-Financeira
Cecília B. Pires Tavares de Anderlini

2º Diretor-Financeiro
Marcos Vinicius Busoli Cascino

Diretor de Relações Institucionais
João Otávio Bastos Junqueira

Diretores de Segmento Universidade
Elmara Lúcia de Oliveira Bonini
José Francisco Hintze Júnior

Diretores de Segmento Centro Universitário
Zely de Toledo Pennachi Machado
Bruno Roberto Pereira de Toledo

Diretores de Segmento Faculdade
Raul Gustavo Porto Gennari
Irmã Tânia Conceição da Cruz

Membros Efetivos do Conselho Fiscal
Giacomo Pasetto Logatti
Paulo Pires Vila Verde
David José Hortenzi Vilela Braga

Membros Suplentes do Conselho Fiscal
Marcos Antonio de Lima
Iram Alves dos Santos
Padre Justino Scatolin

Membros Natos do Conselho da Presidência
Gabriel Mário Rodrigues
Paulo Antonio Gomes Cardim

Diretor Executivo
Rodrigo Capelato

SEMESP 40 ANOS

Rua Cipriano Barata, 2431, Ipiranga
São Paulo – SP – CEP 04205-002
Tel.: (11) 2069-4444 / Fax: (11) 2914-2190
e-mail: semesp@semesp.org.br
www.semesp.org.br

Fale conosco

REDAÇÃO
Comentários sobre conteúdo editorial, críticas, sugestões e releases
Tel.: (11) 3039-5600
redacao@revistaensinosuperior.com.br
Rua Paulistânia, 551
CEP 05440-001 • São Paulo • SP

PUBLICIDADE
Anuncie na **Ensino Superior** e fale com mantenedores, diretores, coordenadores e professores universitários.
Tel.: (11) 99261-9229
luciana@revistaensinosuperior.com.br

ATENDIMENTO, RENOVAÇÕES E NÚMEROS ATRASADOS
Tel.: (11) 3039-5666
Fax: (11) 3039-5643

SITE
Visite a versão on-line da revista Ensino Superior
www.revistaensinosuperior.com.br

ensino superior

ANO 20 – Nº 242 – Setembro de 2019
www.revistaensinosuperior.com.br
ISSN: 2238-5576

EDITORA
Marina Kuzuyabu
marina@revistaensinosuperior.com.br

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Débora de Bem, Luciana Alvarez, Marina Almeida e Marta Avancini (texto); Laura Rachid (web); Fernando Brum (infográfico); Maria Stella Valli (revisão).

COMUNICAÇÃO E EVENTOS
Gerente: Luciana Vertullo
luciana@revistaensinosuperior.com.br

A **Ensino Superior** é uma plataforma de comunicação voltada exclusivamente para mantenedores, diretores acadêmicos, coordenadores pedagógicos, professores e demais profissionais que atuam no setor. Distribuído nos mais diferentes meios (revista impressa, site, aplicativo e redes sociais), seu conteúdo é editado pelo Semesp em parceria com a RFM Editores.

Esta publicação não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas, que expressam apenas o pensamento dos autores, não representando necessariamente a opinião da direção do Semesp. A revista se reserva o direito, por motivos de espaço e clareza, de resumir cartas e artigos.

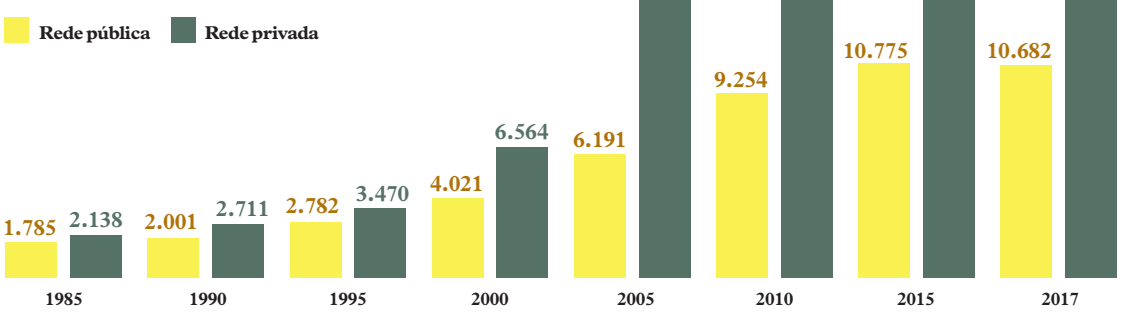
anatec
www.anatec.org.br

Número de cursos de graduação chega a 35,6 mil

Em 1980, existiam 4,3 mil cursos de graduação no Brasil. Quase 40 anos depois, eles chegaram a 35,6 mil, o significa uma expansão de 712%. Desse total, mais de 25 mil são ofertados pelas instituições de ensino superior privadas que, ao longo do período analisado, cresceram 11 vezes. Elas saíram de um patamar de 2.069 (os dados mais antigos disponíveis se referem ao ano de 1984) e chegaram a 25.011. Já a rede pública teve a metade desse desempenho: de 1.737 foi para 10.682, o que representa um crescimento de aproximadamente cinco vezes. E se no início os setores público e privado tinham uma pequena diferença de participação de mercado (não chegava a 10 p.p.), essa distância foi se acentuando ao longo do tempo e chegou a 30% e 70%, com vantagem para a rede privada.

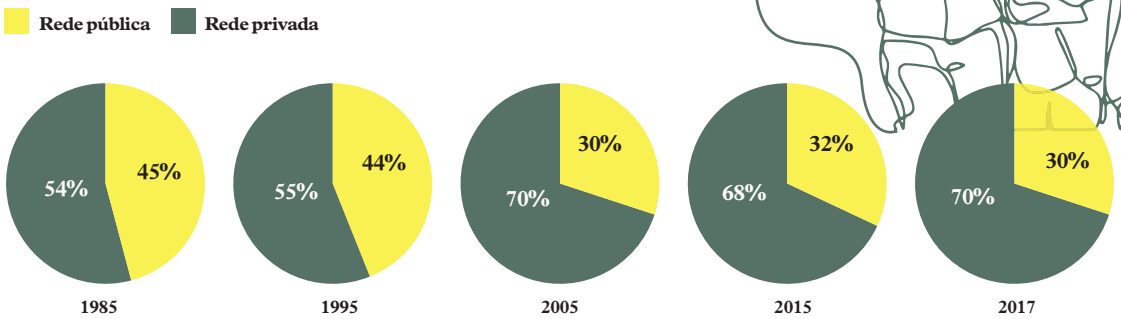
A MULTIPLICAÇÃO DOS PROGRAMAS DE GRADUAÇÃO

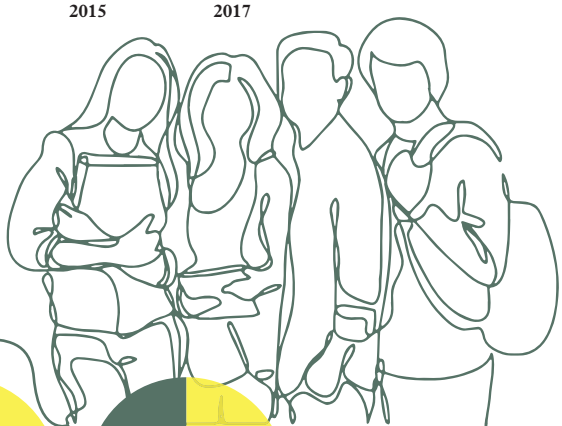
A evolução do número de cursos segue uma trajetória ascendente na rede privada, embora em menor ritmo desde 2010. A rede pública, por sua vez, vem oscilando entre a estagnação e a recessão desde 2013:



PARTICIPAÇÃO DE MERCADO

No passado, havia certo equilíbrio na oferta de cursos. Porém, as diferenças entre as redes pública e privada se acentuaram consideravelmente ao longo dos anos:





INFOGRÁFICO: FERNANDO BRUM

Lyceum

APRESENTA



A jornada de crescimento de uma IES

por Marcelo Daniel

Conheça a trajetória da UniEVANGÉLICA: desde os primeiros passos, até tornar-se uma das maiores e mais bem-sucedidas instituições de ensino superior do Centro-Oeste

Como uma instituição que nasceu de forma segmentada, para atender comunidades específicas, percorre uma jornada de avanços com o passar dos anos e se constitui como uma das maiores estruturas educacionais de todo o Centro-Oeste?

A resposta vem através da própria história do Centro Universitário de Anápolis (GO), a UniEVANGÉLICA, uma jornada onde a qualidade de ensino sempre esteve relacionada à busca contínua de melhoria em sua gestão, aliada à inovação.

"Ela foi criada como Associação Educativa Evangélica, em 1947, fundada por um grupo cristão para manter escolas rurais e urbanas em todos os níveis", relembra o diretor administrativo, Lucio Boggian.

Após mais de 70 anos, a IES se aproxima de um novo desafio: se transformar em universidade.

Nas palavras do Reitor, Carlos Hassel Mendes, "com dois mestrados e um doutorado em andamento, o Centro Universitário, por decisão do Conselho Administrativo da Associação Educativa Evangélica, protocolou no Ministério da Educação (MEC) o processo de recredenciamento institucional com vistas à transformação da UniEVANGÉLICA em Universidade Evangélica de Anápolis".

Histórico de evolução

Pouco mais de uma década após sua fundação, a unidade implementou a primeira faculdade, do curso de Filosofia. Nos anos 1990, recebe a denominação de Faculdades Integradas e passa reunir, além da Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão, a Faculdade de Direito de Anápolis, a Faculdade de Odontologia João Prudente e a Faculdade de Filosofia do Vale de São Patrício.

O credenciamento como centro universitário pelo MEC foi oficializado no ano de 2004, sendo o recredenciamento obtido em 2012.

Sua estrutura atual integra mais de 10 mil alunos, 80 laboratórios, 40 cursos, em uma engrenagem onde operam mais de 1,8 mil profissionais.

"É uma estrutura caracterizada pela qualidade e tradição, que tem como objetivo preparar estudantes para desenvolver liderança, pensamento crítico e se destacar em um mercado de trabalho inovador e competitivo", pontua Boggian.

Atualmente, a UniEVANGÉLICA oferece vários cursos na modalidade EAD e, além disso, acaba de ter o mestrado em Ciências Farmacêuticas aprovado pelo MEC – informação que em breve será oficializada em publicação no Diário Oficial da União.

Lições aprendidas

Com um alcance geográfico maior, em um universo de atuação completamente diferente daquele que existia na sua criação, nos anos 1940, a UniEVANGÉLICA precisou investir em gestão e em inovação tecnológica, ado-



tando ferramentas de mercado que integram a comunidade acadêmica por meio de portais e aplicativos.

Isso possibilitou, por exemplo, a implementação de uma estrutura centralizada de serviços compartilhados para obter ganho de escala e melhorar a gestão do Centro Universitário.

"Nossos sistemas são todos integrados, isso permite o trabalho com cada unidade como se estivesse aqui ao lado", explica o Diretor Administrativo.

Na visão do gestor, em um cenário altamente competitivo e qualificado, a informação passa a ter um impacto cada vez mais forte no dia a dia da operação.

"Ter as informações corretas em tempo hábil para a tomada de decisão é essencial", explica, referindo-se aos dados e funcionalidades providos pelo Lyceum e outras plataformas em etapas como: captação, processo seletivo, loja (e-commerce); prevenção e controle de evasão; secretaria virtual; portais de alunos, docentes e coordenador; gestão acadêmica, administrativa e financeira.

"Todas as nossas unidades utilizam o sistema Lyceum e seus módulos, que são essenciais para nossos processos", enfatiza.

Boggian ressalta o investimento da UniEVANGÉLICA nos processos, na capacitação dos profissionais de *backoffice* e, também, nos professores. "A utilização de tecnologia não é importante somente na gestão, mas a própria atividade de docência tem sido muito impactada pelo uso de tecnologia", diz.

Inovação que vai além

A inovação presente na estrutura da UniEVANGÉLICA não está somente nas ferramentas de gestão – existem, ainda, outros temas, como a energia.

A instituição investe em um sólido projeto institucional de eficiência energética, com a construção, em sua sede, de uma das maiores usinas fotovoltaicas urbanas do país.

"A usina da UniEVANGÉLICA foi elaborada para suprir 80% da demanda por energia elétrica do campus de Anápolis", relata o diretor Boggian.

Com início de geração no mês de agosto de 2019, integra no projeto, ainda, um laboratório de estudos de eficiência energética, para análises inéditas sobre a geração fotovoltaica na região. De acordo com as previsões da instituição, o projeto tem capacidade para uma produção nominal equivalente a 1.855 MWh, com economia em conta de luz de até R$ 1 milhão por ano.

"É um projeto inovador, não somente pela produção de energia, mas principalmente como um grande laboratório de pesquisa – já temos dois projetos de proporção regional em fase de aprovação, utilizando os recursos da usina e laboratório", afirma.

DeBem



Thayan Lisboa/Assessoria FASA

Aulas concentradas *em uma semana por mês para permitir que os estudantes continuem trabalhando*

Como reter os estudantes do campo

Faculdade gaúcha adota a pedagogia da alternância para dar oportunidade aos jovens que precisam estudar, mas não podem abrir mão do trabalho

por **Ana Júlia Tiellet**

No Rio Grande do Sul, o número de pessoas que vivem no campo caiu 37% nos últimos 30 anos. No Brasil todo, apenas 15% da população brasileira vive em áreas rurais, de acordo com o IBGE (Pnad, 2015). A falta de interesse das novas gerações em assumir a propriedade rural de suas famílias é uma das causas da evasão rural.

Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) com 743 filhos de agricultores do estado, o baixo interesse se deve, prioritariamente, à falta de incentivo da família, ao não investimento em modernização e tecnologias para o trabalho e à falta de autonomia ou abertura para que eles participem de forma mais determinante na gestão dos negócios.

Nesse cenário, as formas tradicionais de ensino superior apenas acirram as diferenças geracionais e colaboram para que os jovens deixem o campo. Para vencer esse problema, é preciso uma mudança de *mindset* da parte dos educadores.

Essa foi a aposta da Faculdade Santo Ângelo (FASA), localizada no Rio Grande do Sul. Com apenas um ano de funcionamento, a instituição iniciou seus trabalhos oferecendo uma solução diferente aos jovens da zona rural. Considerando que o modelo tradicional de ensino os afasta de suas famílias e até mesmo do ensino superior, a instituição adotou a pedagogia da alternância, criada na França, em 1935, pelo sacerdote Abbé Granereau. Nesse modelo, que foi repaginado e ampliado pela FASA, as aulas são oferecidas de modo concentrado durante uma semana (manhã, tarde e noite), com possibilidade de o estudante hospedar-se no campus. Nesse período, eles participam de aulas práticas e teóricas, visitas técnicas e leituras. Os professores trabalham com metodologias ativas e aprendizagem baseada em projetos.

Após a semana de aulas, o aluno retorna para casa por três semanas. Nesse período, ele realiza projetos e estudos e, principalmente, tem a oportunidade de dar continuidade ao trabalho na propriedade da família e aplicar o conhecimento adquirido em sala de aula . A opção está disponível para as graduações de Medicina Veterinária e de Agronomia.

"Criamos uma oportunidade para que os jovens do campo continuem seus estudos, aprofundem conhecimentos e, ao mesmo tempo, mantenham-se no seio familiar e potencializem a produção de suas propriedades", argumenta o diretor-presidente da FASA, Rafael Rossetto.

A agricultora Emanueli Klatt, 19 anos, já havia cursado alguns semestres de outra graduação, em outra instituição, mas não continuou os estudos justamente por não poder ausentar-se da propriedade rural da família. "Hoje, graças à alternância, consigo fazer o que realmente planejei para minha vida."

"A inteligência artificial, o Big Data e tantas outras tecnologias estão ao nosso alcance, mas de nada adiantam se não alcançarmos cada um desses jovens que estão no campo e querem aprender mais, para que a vida deles e de suas famílias seja melhor. O futuro será dos robôs, mas é nosso também", finaliza Rossetto.



Em agosto, a CRM Educacional completa 4 anos. Nesse período, o negócio cresceu, passou de Start Up para Scale Up. Recebeu alguns reconhecimentos e selos. Esteve presente em diversos eventos de educação e tecnologia, inclusive eventos internacionais. E amplia cada dia mais seu propósito em contribuir com o desenvolvimento do mercado educacional privado brasileiro. Em uma conversa com **Daniel Antonucci, CEO, retratamos as conquistas e previsões para o futuro da empresa no contexto da Educação 4.0:**

Como você avalia esse impacto, pela perspectiva de quem lidera essa história, desde seu início?

Desde 2013, quando começamos a sonhar no que viria a ser a CRM Educacional, percebemos que o FIES não era sustentável e enxergamos que as faculdades e universidades passariam a enfrentar dois grandes desafios: o de captação e o da evasão. Sem o FIES ficaria muito mais difícil de captar alunos para instituições privadas e consequentemente a importância da permanência dos alunos já captados aumentaria muito, tanto pela questão da sustentabilidade das instituições quanto pela questão social na formação do cidadão brasileiro.

O nosso principal objetivo quando criamos a CRM Educacional foi justamente ajudar as instituições a transformar visitantes e leads em matrículas e alunos matriculados em diplomas.

Nestes pouco mais de 4 anos de vida, a CRM passou de 3 caras com um sonho para pouco mais de 40 colaboradores engajados neste sonho. Participamos de um programa de Inovação e Empreendedorismo em Stanford, no ano de 2016, que nos ajudou a planejar como seria este crescimento acelerado. Participamos também do programa de Scale-up da Endeavor em 2017 e 2018, buscando apoio com boas práticas e mentorias de quem já havia trilhado este caminho. Fomos reconhecidos com o prêmio Top Educação em 2017, como empresa referência em captação de alunos. Em 2018 fomos selecionados para participar do Web Summit, maior evento de tecnologia do mundo, que ocorre em Lisboa, na área de inovação e startups e também recebemos o selo do Great Place to Work de melhores empresas para se trabalhar. No início de 2019 fomos selecionados para ser uma scale-up residente do Cubo Inovação em SP e recebemos ficamos em 7° colocado no ranking de melhores empresas para se trabalhar em Minas Gerais, do GPTW.

Em paralelo a todas estas conquistas, já realizamos quase 5 milhões de inscrições em processos seletivos de quase 200 instituições e ensino nos 21 estados brasileiros.

Inovamos ao ser a primeira empresa, ainda em 2015, a oferecer o cálculo automático de ingresso via ENEM, levando nossos clientes a aumentar a participação desta forma de ingresso para quase 40% em seus processos de matrícula. Passaram por nossa plataforma mais de meio milhão de alunos, que se matricularam nas instituições que atendemos, ajudando a gerar alguns bilhões de faturamento destas instituições.

Olhando para o futuro, acreditamos e estamos investindo em muitas inovações capazes de melhorar os resultados de captação e permanência de alunos, como comunicação omnichannel e algoritmos de predição, focados em lead scoring e previsão de evasão.

Quatro anos já foram. Bem vividos, mas e agora?! O cenário atual é de mudança acelerada e bastante instabilidade. O perfil do mercado muda; junta com ele muda o perfil dos novos alunos, da educação em si, da maneira de se aprender. Qual sua visão para o futuro do mercado educacional e, claro, qual a visão da CRM totalmente e cada vez mais, inserida neste contexto?

O setor de educação em geral, com destaque para o Ensino Superior nunca esteve tão preocupado com o futuro. Tenho acompanhado diversas discussões, ensaios, tentativas e previsões do que será o futuro desse mercado e a única certeza que se tem hoje é que será diferente.

O perfil do aluno mudou, o interesse pelo ensino formal tem diminuído a cada ano, grandes empresas já não exigem a formação superior e a oferta de conteúdos de qualidade em plataformas online gratuitas (youtube e MOOCS) ou com valor reduzido (udemy, udacity, etc) tem impactado diretamente nas taxas de matrícula e de evasão das faculdades e universidades.

As instituições de ensino têm que se preparar para este novo perfil de aluno, e rápido. Acreditamos que a formação de um indivíduo será definida pelo aprendizado constante, que não necessariamente será obtido no mesmo local. No futuro, invés de poder comprar apenas um curso fechado de graduação, as pessoas poderão comprar mini-cursos que trarão as competências que ela precisa para vencer os seus desafios profissionais. E as instituições de ensino superior farão parte deste ecossistema de ofertas de conteúdos direcionados.

A CRM Educacional já vem se preparando para este futuro, de forma que possamos ajudar as instituições de ensino a passar por este desafio de transformação que o mercado de educação está passando e irá passar nos próximos anos. E a sua IE, também está se preparando?

O SITE É NOVO

Mas a experiência em mercado educacional, ah! Essa só amadurece.

ACESSE: **CRMEDUCACIONAL**.COM



Fale conosco: 31 2531.3161



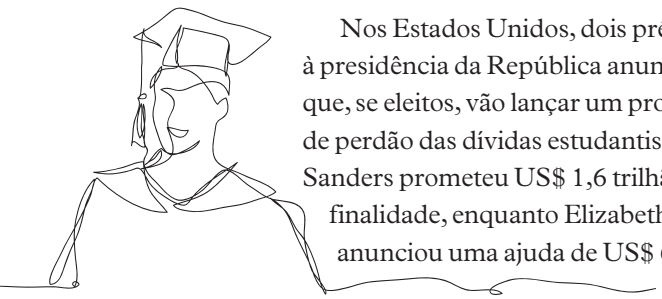
Críticas ao ranking de Xangai

Classificação privilegia as escolas de elite, aponta especialista francês

O Ranking Mundial Acadêmico de Universidades, mais conhecido como Ranking de Xangai, listou novamente Harvard, Stanford, MIT, Universidade da Califórnia em Berkeley e Universidade Cambridge nas primeiras cinco posições. A notícia não surpreendeu o meio acadêmico, mas gerou uma crítica do especialista em ensino superior Hugo Harari-Kermadec, ligado à École Normale Supérieure (ENS) Paris-Saclay. Em entrevista ao jornal *Le monde*, o economista disse que o ranking foi feito para destacar as instituições de elite, criando uma polarização no setor e um aprofundamento das desigualdades. Como exemplo, ele citou que as universidades com pesquisadores mais citados estão recebendo mais recursos na França, deixando em desvantagem as que não se enquadram no critério.

GIRO

Promessa de perdão



Nos Estados Unidos, dois pré-candidatos à presidência da República anunciaram que, se eleitos, vão lançar um programa de perdão das dívidas estudantis. Bernie Sanders prometeu US$ 1,6 trilhão para essa finalidade, enquanto Elizabeth Warren anunciou uma ajuda de US$ 640 bilhões.

Homeopatia na berlinda

Depois que o governo francês declarou que a homeopatia não tem eficácia comprovada, as instituições que ensinam o método terapêutico estão questionando a sua exclusão da grade dos cursos de Medicina e Farmácia. Diversas instituições já optaram pela eliminação da disciplina.





Gestor de Ensino Superior: **Neobpo** cuida do Marco Regulatório do MEC. Você cuida das exigências do Marco Antônio.

O Marco Regulatório do MEC, decreto 9.235, definiu o prazo para as instituições de ensino superior entrarem na era digital se adequando à nova regulamentação.

A **Neobpo** criou uma plataforma completa e integrada para que você possa cumprir com todas as exigências dessa nova legislação. Assim, você continua cuidando do Marco Antônio e a **Neobpo** cuida do Marco Regulatório do MEC.

Transformação digital é o grande desafio dos próximos anos. Para você, dos próximos seis meses.
Conheça a **Neo na Educação**: **neobpo.com.br/neonaeducacao**

neo
na educação
Uma solução integrada

Bot Ged, motor de regras automatizadas:

- gestão eletrônica de documentos
- visualização de prazos, tarefas, vigência de documentos e interações com o MEC
- workflow inteligente
- OCR- reconhecimento de documentos, agilizando as inscrições de candidatos
- Provas emitidas, reconhecidas e corrigidas via digital
- Emissão de certificados digitais
- Guarda digital dos documentos

contato@neobpo.com.br
11 3335-2960

neobpo

Somos especializados em soluções, tecnologia e serviço de BPO, aliando consultoria CX, UX e Design Thinking. **Acesse nosso site para saber mais sobre o que podemos fazer pela sua IES.**

neobpo

“A universidade ainda não foi superada”

por **Marina Kuzuyabu**

Professor da Unicamp desde 1996, Leandro Karnal se consolidou como um dos mais influentes formadores de opinião do país graças a uma singular combinação. Não bastassem os profundos conhecimentos em diversas áreas, o historiador tem uma grande capacidade de análise, condição que lhe permite descortinar as raízes de muitos fenômenos. A clareza na comunicação, a ironia e o humor são outras de suas características marcantes. Não por menos, Karnal se tornou um dos autores literários mais vendidos do Brasil e uma figura constante nos meios de comunicação. Desde 2016, ele assina uma coluna fixa no jornal *O Estado de S. Paulo* e, com frequência, participa de programas como Jornal da Cultura e Café Filosófico CPFL. O autor de *Todos contra todos* (Leya), um de seus mais populares títulos, será um dos principais palestrantes do 21º Fnesp, que o Semesp realiza nos dias 26 e 27 de setembro, em São Paulo.

Nesta entrevista, Karnal se detém principalmente sobre as questões educacionais. Ele concorda que é preciso reestruturar a concepção da escola em função da nova geração de alunos, mas reconhece que, como muitos professores, ele não sabe como reagir diante deste desafio. O intelectual também comenta o cenário de ódio e intolerância que se instalou no Brasil nos últimos tempos e afirma que nada disso é novidade. A diferença hoje é que “as violências estão se fazendo sentir também em espaços que antes se achavam preservados dela”.



“O momento é para quem apresentar resiliência em grau ninja”

Leandro Karnal:
Para melhorar a qualidade da educação, é preciso tornar a carreira docente mais atrativa

Em alguns países desenvolvidos, as pessoas estão questionando a validade da formação universitária clássica, tida como incapaz de acompanhar as aceleradas transformações sociais. Os defensores dessa ideia alegam que, em vez de fazer uma faculdade, as pessoas deveriam, por exemplo, fazer cursos de menor duração para desenvolver competências específicas. Como o senhor enxerga esse modelo de formação?

Sim, a formação precisa de agilidade, atualização e os novos paradigmas de conhecimento nem sempre podem ser contidos no esquema fixo de uma grade curricular. Minha posição é que a formação básica e ampla seja universitária e, em um segundo momento, os profissionais sejam sempre estimulados à atualização com novos enfoques e experiências de cursos. Para dar mais clareza ao meu ponto: você vai sofrer uma cirurgia cardíaca. O profissional encarregado entra na sala e diz: "não cursei Medicina por ser muito estática e formal, mas fiz muitos vídeos de atualização e nanodegrees". Com sinceridade: você fica mais feliz e conclui que este é um bom modelo para cortar seu peito? Ainda precisamos de uma sólida estrutura formadora inicial e a universidade ainda não foi superada.

Nesse contexto de questionamento do diploma universitário, estão surgindo escolas sem professores, especialmente na área de tecnologia. Os alunos aprendem de forma autônoma por meio de uma plataforma virtual e com a ajuda de colegas. Há, no máximo, tutores. O senhor imagina isso se difundindo para outras áreas?

Sempre existem elaboradores do conhecimento, os que preparam o material, os que avaliam sua aplicação e medem sua eficácia. O professor presencial permanente pode e deve ser suplementado por vídeos, monitores, módulos instrucionais etc. O foco do ensino/aprendizagem é o conhecimento transformando alguém. Isso pode ser feito de muitas formas. A discussão é pensar se escrevemos melhor com caneta esferográfica ou digitando. Podemos pensar com muitos suportes de escrita. Ninguém jamais escreverá algo se não tiver lido bons textos antes. Diluir centralização não é eliminar professor.

O fraco desempenho educacional dos alunos brasileiros é atribuído a uma série de fatores, entre os quais a má formação dos professores. Além do fato de muitos docentes não terem formação na disciplina que lecionam, os cursos não preparam os alunos para os desafios concretos da sala de aula, como argumentam os críticos. Como formador de professores há tantos anos, como o senhor enxerga esses questionamentos?

O magistério é uma carreira pouco atrativa. As licenciaturas seduzem pouco. O primeiro ponto é que é uma carreira mal paga, estressante e de baixo prestígio social. Aqui começa o desafio. O segundo ponto diz respeito ao domínio técnico da área. Este é um problema importante, todavia não tão grave como o primeiro. Pode ser resolvido a médio prazo. A última questão é decidir como reestruturar a concepção da escola para um mundo novo, líquido, com jovens que não podem mais ser inseridos em uma estrutura antiga de transmissão de conhecimento. O drama? Nós professores, eu inclusive, não sabemos como reagir diante do desafio atual.

Em um momento de escassez de recursos, muitos acreditam que o governo deveria priorizar carreiras como a de veterinário, engenheiro e médico, em vez de investir na formação de filósofos ou antropólogos. Que avaliação o senhor faz dessa posição?

Uma visão muito pobre de ciência, de humanidade e de utilidade. Em um mundo no qual a técnica material seja o único objeto, ocorre a negação da humanidade. Trata-se de um *Admirável mundo novo*, como na obra de Aldous Huxley.

Mais de
100.000
horas de **conteúdos** produzidos

Nosso material **didático** já foi **utilizado** por
mais de **2** milhões de alunos no Brasil e no exterior

Fábrica **de Conteúdos**

ILUSTRAÇÃO · DIAGRAMAÇÃO · GRAVAÇÃO DE VÍDEO · EDIÇÃO DE VÍDEO

REVISÃO TEXTUAL · PRODUÇÃO DE CONTEÚDO · DESIGNER EDUCACIONAL



Materiais **Didáticos**

- E-books.
- Motion graphics.
- Bancos de questões.
- Videoaulas.
- Podcasts.
- Gamificação.

Materiais **responsivos**, **interativos** e com **acessibilidade.**

Paixão pela **Educação**
Mediada pelo uso
de **Tecnologias.**

Consultoria

GESTÃO · PEDAGÓGICA · TECNOLÓGICA · CREDENCIAMENTO





www.**vgeducacional**.com
Contato@**vgeducacional**.com.br
(44) 3301.9412

É uma tentativa de eficácia para os humanos transformados em colmeia ou formigueiro, onde cada função prática está determinada. Abelhas e formigas não produzem filosofia, só trabalham e morrem dentro do seu universo previsto e determinado e eficaz. Quando vejo algum político defendo que devemos enfatizar muito veterinária, penso que pode ser em causa própria. Peguemos este exemplo: o cuidado com animais, a recusa de sofrimento desnecessário, o avanço de paradigmas de tratamento e de concepções sobre vida dependem, em boa parte, de uma questão filosófica. Ser um país desenvolvido, pertencer ao Primeiro Mundo, crescer no PIB, resolver grandes problemas: tudo depende de boa educação para médicos, veterinários, filósofos, antropólogos e, talvez, até para políticos.

Há um movimento na Europa pedindo a 'descolonização' dos currículos – e as instituições de ensino superior estão buscando atendê-lo. University of Cambridge, University College London e University of Birmingham são algumas das que estão revendo a bibliografia dos cursos, hoje dominada por autores masculinos, brancos e ocidentais, como apontam os críticos. Esta é uma demanda justa? Se esse movimento crescer, podemos esperar releituras de acontecimentos históricos?

É saudável a preocupação com o silenciamento de tantos seres humanos. Somos muito focados em homens brancos de ascendência europeia e posso, perfeitamente, analisar muitas e brilhantes mulheres negras, por exemplo. O princípio é bom e está muito além do politicamente correto, porque oferecerá espelhos e identidades para jovens meninas negras em formação. Porém... se eu torno o princípio algo independente da qualidade em si, ele vira crença e fica danoso ao conhecimento. Exemplo: Hipátia foi uma filósofa e matemática extraordinária, assassinada por cristãos em 415. Não devemos silenciar sobre isto. Mas, Platão e Aristóteles são muito mais importantes do que Hipátia. Fazer um extenso curso sobre ela e ignorar Aristóteles por ser homem branco ou Platão por ser rico e europeu é pura infantilidade e militância burra. Visibilidade e fim do machismo acadêmico, sim! Mudança total de um currículo, ocultando X e exaltando Y unicamente porque Y nasceu em Papua Nova Guiné e X em Londres, é argumento fraco.

O artista plástico Nuno Ramos declarou recentemente que o "Brasil está em um estado que é como se fosse o inconsciente exposto em praça pública. É muito estranho, como se o inconsciente tivesse emergido com uma violência que a gente freava, que a gente disfarçava. Que análise o senhor faz dessa situação e qual é a gravidade dela? O senhor acha que é papel dos educadores conscientizar os alunos dos perigos dessa situação, a fim de evitar uma barbárie?

A barbárie já existe e está escancarada. Basta sair às ruas das grandes cidades ou abrir um jornal. Entendo a boa análise de Nuno Ramos, mas nosso inconsciente está exposto há bastante tempo. Os espaços da sala de aula, por exemplo, convivem com violências e preconceitos há décadas. O tráfico invade escolas, professores apanham de alunos, a disciplina foi para o brejo, muitas escolas estão sucateadas e há agressividade (racismo, misoginia, lipofobia, homofobia, etc.) latente e declarada nas aulas, nos pátios e na sala dos professores. Talvez, com redes sociais, o fluxo de consciência constante e sem limites, estejamos olhando o rosto da Medusa e um pouco petrificados com isto. O que ocorre hoje é que as violências estão se fazendo sentir também em espaços que antes se achavam preservados dela. O susto maior está em determinados setores sociais que criaram e mantiveram bolsões de aparente normalidade ao longo das últimas décadas. Acho que, para melhorar, ainda pioraremos mais. O momento é para quem apresentar resiliência em grau ninja.

CONHEÇA A MAIS COMPLETA
SUÍTE PARA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

Mais que um conjunto de ferramentas, **nossas soluções impactam drasticamente a cultura organizacional** de Instituições de Ensino Superior, estabelecendo um processo de gestão acadêmica centrada em resultados. Criamos uma Suíte inédita, com soluções voltadas para os maiores desafios da gestão universitária moderna.



review Gestão do ENADE | poli gestão da polivalência docente | test gestão de provas modelo ENADE | check gestão visual de evidências | link gestão de projetos integradores | dash painel de gestão

*Aguardamos sua visita na **ilha de Startups do 21º FNESP**, dias 26 e 27 de setembro*

O primeiro e único sistema de inteligência para a Gestão do ENADE! Em suas funções primárias, Review oferece dois módulos de simulação, um voltado para provas do ENADE e outro voltado para o Questionário Sócio Econômico. Como funções secundárias, Review oferece os mais robustos relatórios de impacto de disciplinas, professores e desempenho acadêmico.

Reduza custos gerenciando insumos! Poli é um Sistema capaz de identificar os diferentes níveis de domínio (básico, intermediário e avançado) de cada professor frente as disciplinas de todos os cursos. Poli permite ainda, o mapeamento efetivo do regime de trabalho (horistas, RTP e RTI) de todo seu corpo docente. Contrate de maneira mais assertiva!

Garanta a matriz de competências do ENADE nas avaliações de todas as disciplinas dos Cursos da IES. Test é um Gerenciador de Provas que opera com base no banco de questões ENADE do Sistema Review. Test é uma poderosa ferramenta operacional para acompanhamento pedagógico de professores e disciplinas.

A profissionalização da Gestão Universitária! Check é um Sistema Web de organização documental espelhado nos instrumentos de avaliação do MEC, extremamente rápido e capaz de simular avaliações externas e de cursos. Alinhe sua sistemática de gestão a sistemática de avaliação do MEC e estabeleça rotinas acadêmicas mais assertivas.

Aproxime academia e mercado reduzindo índices de evasão e aumentando a retenção. Link é um Sistema capaz de vincular Projetos Integradores a diferentes disciplinas, permitindo a gestão do uso de metodologias ativas nos componentes curriculares frente as abordagens baseadas em desafios propostos pela comunidade.

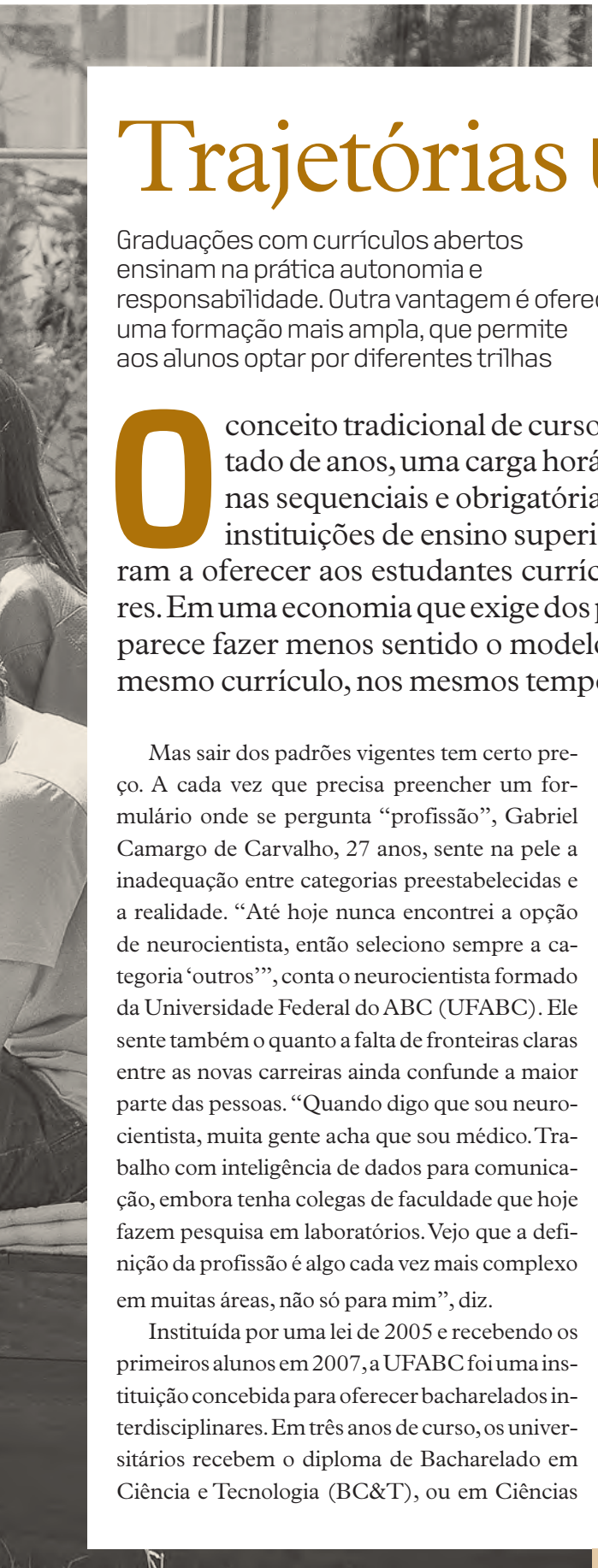
Crie uma cultura de gestão baseada em resultados! Dash é um completo e intuitivo Painel de Controle que permite o acesso aos principais indicadores de gestão administrativa, acadêmica/pedagógica, mercadológica e estratégica de inovação. Dash está integrado a inteligência de dados de todas as soluções da Suíte Box. Profissionalize seus gestores!

Saiba mais em: www.beformless.com.br/box

BOX SUÍTE PARA GESTÃO UNIVERSITÁRIA | BEFORMLESS INOVAÇÃO ESTRATÉGICA

Capa


skateboards
CALIFIN
summer feeling
CALIFORNIA-USA
VESTIBULAR UNISINOS
VESTIBULAR UNISINOS



No início deste ano, *a Unisinos criou um novo modelo de organização em 21 dos seus 76 cursos: os alunos agora têm cinco trilhas de formação disponíveis para escolher*

Trajetórias **únicas**

Graduações com currículos abertos ensinam na prática autonomia e responsabilidade. Outra vantagem é oferecer uma formação mais ampla, que permite aos alunos optar por diferentes trilhas

por **Luciana Alvarez**

O conceito tradicional de curso universitário com um número limitado de anos, uma carga horária definida e uma grade de disciplinas sequenciais e obrigatórias vem sendo desafiado por algumas instituições de ensino superior do Brasil e do mundo, que passaram a oferecer aos estudantes currículos mais abertos e interdisciplinares. Em uma economia que exige dos profissionais flexibilidade crescente, parece fazer menos sentido o modelo estabelecido atualmente no qual o mesmo currículo, nos mesmos tempos, serve igualmente para todos.

Mas sair dos padrões vigentes tem certo preço. A cada vez que precisa preencher um formulário onde se pergunta "profissão", Gabriel Camargo de Carvalho, 27 anos, sente na pele a inadequação entre categorias preestabelecidas e a realidade. "Até hoje nunca encontrei a opção de neurocientista, então seleciono sempre a categoria 'outros'", conta o neurocientista formado da Universidade Federal do ABC (UFABC). Ele sente também o quanto a falta de fronteiras claras entre as novas carreiras ainda confunde a maior parte das pessoas. "Quando digo que sou neurocientista, muita gente acha que sou médico. Trabalho com inteligência de dados para comunicação, embora tenha colegas de faculdade que hoje fazem pesquisa em laboratórios. Vejo que a definição da profissão é algo cada vez mais complexo em muitas áreas, não só para mim", diz.

Instituída por uma lei de 2005 e recebendo os primeiros alunos em 2007, a UFABC foi uma instituição concebida para oferecer bacharelados interdisciplinares. Em três anos de curso, os universitários recebem o diploma de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BC&T), ou em Ciências e Humanidades (BC&H). Se desejarem, podem dar prosseguimento aos estudos com cursos de formação específica. São seis ligados ao BC&H e 19 ao BC&T. Além de poderem definir mais tarde em qual área de especialização desejam entrar – e até se desejam uma área específica –, os estudantes da UFABC dispõem não de uma grade, mas de um cardápio de disciplinas, com o qual vão montando seus próprios currículos.

Na época do vestibular, Carvalho imaginava que faria alguma engenharia. "Tive muitas dúvidas vocacionais, estava pensando em fazer engenharia, mas não sabia qual. Um amigo me indicou e eu fui conhecer pessoalmente a UFABC. Ao saber da proposta de fazer um curso de ingresso generalista, fiquei fascinado", lembra. Para ele o desafio de escolher as disciplinas que comporiam seu currículo trazia um misto de diversão e amadurecimento. "Estava entrando de fato na fase adulta, que exige escolhas, como montar a grade de cada período. Eu adorava a possibilidade de fazer matérias do bacharelado em Ciências e Humanidades. Ganhei um repertório muito rico." Com o passar dos anos, experimentando disciplinas de

alguns campos diferentes, acabou desistindo da engenharia e se encaminhou para a neurociência.

A pró-reitora de graduação da UFABC, Paula Tiba, lembra que o diploma do bacharelado interdisciplinar (BI) é curso superior completo, suficiente para o ingresso no mercado de trabalho e em um mestrado. Mas a maior parte dos estudantes escolhe se manter por mais tempo estudando e obter o segundo diploma de graduação, o de formação específica. "De 70% a 80% dos nossos estudantes fazem o curso específico. Um aluno pode terminar o BI, entrar no mestrado, e continuar simultaneamente a formação específica", explica.

Segundo Tiba, a necessidade de escolher as várias disciplinas durante todo o curso é um desafio mais fácil de ser vencido do que a necessidade de optar logo no vestibular pela carreira, pois promove um amadurecimento paulatino e constante – não há um peso tão grande em uma **escolha errada**. "Pelo momento da escolha inicial, com o candidato em geral adolescente, ajuda a entrada ser em um curso generalista. Aqui ele não precisa escolher se quer a engenharia A ou B aos 17, 18 anos. Dentro da universidade, ele vai cursando, experimentando, percebendo aquilo com o que tem maior afinidade. Todos os componentes que ele fizer vão ser aproveitados; nada vai ser perdido. A gente posterga a grande escolha", afirma.

Uma das causas da evasão é a insatisfação com o curso escolhido. Um modelo de formação mais aberto pode minimizar a ocorrência desse problema

Outra vantagem do modelo, de acordo com a pró-reitora, é que os universitários aprendem a fazer escolhas e se responsabilizar por elas. "O aluno pode fazer disciplinas de toda a universidade, qualquer campus, qualquer período. Há alguns componentes obrigatórios, mas não é obrigado a fazer naquele momento específico. O estudante pode escolher que naquele ano ele não quer ir para aulas às sextas-feiras. No outro, ele pode pegar aulas nos períodos matutino e noturno para compensar e não atrasar o curso", exemplifica.

Junto com a proatividade, conquistada pela capacidade de assumir a autoria do próprio percurso acadêmico, o fato de os universitários transitarem entre diferentes áreas e estudarem em classes com perfis muito diversos confere um caráter mais flexível à formação geral. "Aqui o nosso engenheiro tem um conhecimento melhor de ciências humanas. É um profissional realmente interdisciplinar", diz Tiba.

O ex-aluno Gabriel de Carvalho concorda que a convivência com pessoas de outras áreas na universidade foi positiva, pois contribuiu para que aprendessem a trabalhar bem com pessoas de diferentes áreas. "Na classe a gente tinha juntos o futuro engenheiro aeroespacial, o neurocientista, o bacharel em relações internacionais, por exemplo. Uma sala de aula diversa traz uma riqueza muito forte, porque temos diferentes entendimentos de cada assunto."

NOVAS EXPERIÊNCIAS

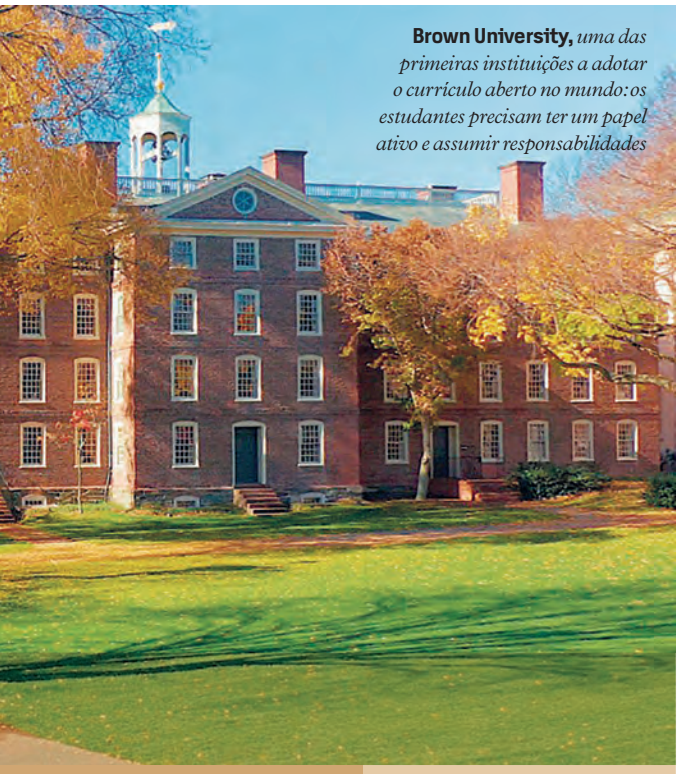
A UFABC foi a pioneira no Brasil a oferecer bacharelados interdisciplinares seguidos de um segundo ciclo, opcional, de formação profissional



específica. Mas desde sua criação diversas instituições, sobretudo universidades federais, passaram a oferecer programas semelhantes, como UFBA, UFJF, UFRN, UFOPA, UFRB, UNIFAL-MG, UFVJM. Juntas, elas ajudaram a elaborar os referenciais orientadores do MEC para esse tipo de graduação.

Mas a proposta de oferecer um currículo aberto tem outros formatos, não necessariamente vinculados a um bacharelado interdisciplinar. A Unisinos, sediada em São Leopoldo (RS), deu início este ano a um novo modelo de organização em 21 dos seus 76 cursos de graduação, para que os alunos tenham a possibilidade de fazer escolhas em seus próprios currículos mesmo em cursos tradicionais, como Administração, Direito, Engenharia, Jornalismo, Nutrição.

Segundo o pró-reitor acadêmico e de relações internacionais da instituição, Alsones Balestrin, o modelo levou um ano para ser elaborado e contou com grande colaboração de todo o corpo docente. "Olhamos muito para universidades americanas e europeias para desenhar nossa proposta. Nos primeiros anos nos aproximamos do modelo americano; nos últimos, do europeu. Tudo dentro das margens dadas pelas diretrizes curriculares do MEC", explica.



Brown University, *uma das primeiras instituições a adotar o currículo aberto no mundo: os estudantes precisam ter um papel ativo e assumir responsabilidades*

No primeiro semestre, em vez de disciplinas específicas, todos os estudantes fazem matérias que ajudam a desenvolver competências fundamentais para os futuros profissionais de qualquer área. "Nos inspiramos no modelo americano, em que o estudante entra em um curso indefinido e começa desenvolvendo competências importantes para todos os campos, como pensamento computacional, colaboração", diz Balestrin.

Uma das grandes vantagens de um início comum é o aproveitamento dos créditos mesmo que o jovem mude de curso de graduação. "Mais da metade dos jovens que entram no ensino superior não têm segurança de que estão fazendo a escolha certa. Então, ele começam a construir uma base de competências comuns ao advogado e ao engenheiro", afirma o pró-reitor.

Depois do início comum, as turmas se dividem, cada uma com os componentes específicos de seus cursos. No último ano, contudo, chega a hora de o formando optar pelo rumo que deseja dar para sua carreira. Dentro da profissão de advogado, pode-se seguir carreiras de gestor, funcionário público, professor. "A proximidade do final do curso deixa uma certa ansiedade em relação à carreira que o estudante vai desenvolver. Para direcioná-los, oferecemos cinco trilhas. Não importa o curso, ele vai assumir um desses caminhos", diz Balestrin. As opções são empreendedorismo, inovação social, mestrado, internacionalização e específica do curso.

Para quem desejar empreender, não importa qual seja a graduação, vai ter conteúdos de plano de negócios, o trabalho final vai ser um *pitch* e, quando se formar, terá direito a seis meses de incubação no parque tecnológico da universidade, segundo o pró-reitor. Quem optar pelo mestrado,



já faz do TCC uma pesquisa que poderá ser aproveitada na pós-graduação. Quem for para a trilha da internacionalização, será encaminhado para algum intercâmbio. "Hoje, você vai em um curso de Direito, Engenharia, Administração e, como todos os alunos enxergaram o mesmo conteúdo, saem da faculdade muito iguais. A gente quer que, numa turma de 50 alunos, cada um tenha sua trajetória."

Ainda que seja só o início da mudança, professores e docentes parecem ter aprovado o novo formato. "É uma disrupção para os próprios professores trabalhar dentro da perspectiva da flexibilização. Mas eles participaram muito da formatação atual. E juntos desenvolvemos capacitações, fizemos avaliações e ajustes necessários", diz Balestrin. Do ponto de vista dos alunos, o modelo está aprovadíssimo. "Acabamos de fazer a primeira avaliação com os alunos e a grande maioria está bastante satisfeita."

Embora seja uma mudança cultural fazer escolhas no currículo do ensino superior, a atual geração de jovens tem se mostrado pronta para a novidade. "Claro que a autonomia demanda mais responsabilidade, e alguns podem não gostar. Mas de forma geral o aluno de hoje não quer ser mais um sujeito passivo no aprendizado. Ele escolhe quase tudo na sua vida e quer fazer escolhas na universidade também", afirma Balestrin. Da UFABC, Paula Tiba concorda que o jovem é, sim, capaz – e gosta – de ter voz ativa sobre a construção do seu currículo. "Antes, a maioria tinha uma surpresa. Agora é cada vez mais comum a gente ouvir de alunos que eles quiseram vir para UFABC por causa do caráter aberto do nosso currículo."

CONTEXTO GLOBAL

A oferta de um currículo aberto, no qual os estudantes podem montar a própria grade de disciplinas de acordo com interesses particulares em vez de seguir um caminho predefinido, não é exatamente uma novidade. Ao menos não nos Estados Unidos. Em maio completou 50 anos que a norte-americana Brown University tem como premissa a liberdade para que cada universitário monte seu currículo. Mesmo que a iniciativa seja antiga, ainda hoje a Brown se distingue dentro do sistema de educação superior dos Estados Unidos por não exigir um núcleo curricular, nem ter requisitos de distribuição de disciplinas entre as áreas. A instituição é considerada a 7ª melhor dos EUA pelo ranking Times Higher Education (THE) de 2019.

O currículo aberto da Brown está fundamentado em três princípios: os estudantes precisam ter um papel ativo e assumir responsabilidades; a educação superior é um processo de desenvolvimento intelectual individual em vez de transmissão de uma gama de conhecimentos; o currículo deve encorajar a experimentação, integração e síntese de diferentes disciplinas. De acordo com as escolhas que fazem ao longo dos anos de estudo, os egressos podem obter diploma em uma das 80 diferentes áreas de concentração, que vão desde cursos tradicionais como Arquitetura e Ciências da Computação, até alguns bem singulares, como "análise e pesquisa social", "cultura moderna e mídia" e "estudos urbanos". Há ainda a possibilidade excepcional para que estudantes criem um "novo" campo, se comprovarem que fizeram uma trajetória curricular coerente, que não se enquadra nas 80 propostas já oferecidas.

Outras universidades renomadas também caminham para montar estruturas menos rígidas aos alunos, como o caso da Stanford University, na qual o currículo, embora tenha alguns requisitos mínimos, não obriga os alunos a seguir disciplinas nas quais não tenham interesse. Localizada no coração do Vale do Silício, a instituição tem a fama de ser uma das mais inovadoras do mundo e tem entre seus egressos fundadores de companhias como Google, Netflix e Instagram.

Dentro de Stanford, a Escola de Design criou a proposta da Open Loop University, que visa flexibilizar o período dos estudantes na academia.



Biblioteca da Universidade de Coimbra: *a Faculdade de Letras trabalha com o modelo do currículo aberto desde 2015*

Em vez de quatro anos universitários, a ideia é que os estudantes permaneçam seis anos nas carteiras, mas em períodos não consecutivos. Assim, o estudante poderia pegar um diploma parcial, ir ao mercado de trabalho e, com base nessa experiência prática, voltar para finalizar os estudos mais tarde, mudando de foco, ou se aprofundando em alguma área.

Embora não haja previsão para que o modelo Open Loop seja **implementado** tão cedo, o conceito se tornou um marco e outras universidades americanas passaram a adotar estratégias semelhantes, só que na pós-graduação. A Universidade da Pensilvânia, a Boston University e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) passaram recentemente a oferecer micromasters, ou micromestrados. São cursos online para que os estudantes possam começar a fazer pós-graduação sem se comprometer a um programa de mais de um ano. Quem tiver boa performance em um micromaster pode mais tarde se candidatar a uma vaga no mestrado regular, e já elimina parte das disciplinas para obter o diploma "completo".

NA EUROPA

Experiências bem-sucedidas de currículo aberto não são exclusividade norte-americana, nem de universidades reconhecidas como inovadoras. Em Portugal, a Universidade de Coimbra, que completou 728 anos de fundação e é a 15ª mais antiga do Velho Continente, também adota desde 2015 um currículo aberto nos 13 cursos da Faculdade de Letras (FLUC). Embora ainda mantenha certa estrutura, o novo modelo passou a permitir que os estudantes tenham uma liberdade muito grande para escolher o seu percurso de ensino em comparação aos demais cursos no país. Segundo disse o diretor da faculdade na época da reforma, José Pedro Paiva, a mudança tem como objetivo oferecer uma formação ampla e uma dimensão interdisciplinar.

A reforma de 2015 prevê que cada aluno escolha 3 entre 12 disciplinas de iniciação da faculdade, indiferenciadas quanto ao curso. Depois, dentro de sua área de especialidade, que é o núcleo da graduação, ele precisa optar por 18 entre 24 cadeiras. Há ainda uma trajetória de "formação geral" – em que o estudante deve fazer quatro matérias das outras 12 graduações da FLUC – e uma trilha de "formação complementar", na qual se propõe ao aluno que curse cinco disciplinas de uma mesma área do saber, dentro ou fora da FLUC. Com essa formação complementar, além do diploma principal, o jovem obtém um diploma de "estudos menores" numa segunda área de conhecimento.

No mesmo ano de lançamento, o modelo curricular da Faculdade de Letras de Coimbra recebeu o importante prêmio nacional de inovação em educação da Fundação Calouste Gulbenkian, dando mostras de sua adequação e pertinência aos novos tempos.

O conceito nasceu de um projeto de estudos que se propunha a imaginar a universidade em 2025

Educação é política: as ideias do sociólogo e pedagogo Jaume Carbonell



Jornalista, sociólogo e pedagogo, Jaume Carbonell acredita que a política está em tudo. Ele é um dos grandes pensadores sobre a educação nos dias de hoje, tendo trabalhado por muitos anos na revista *Cuadernos de Pedagogía* (Cadernos de Pedagogia), uma das mais importantes publicações sobre este tema na Europa.

Carbonell esteve no Brasil recentemente e, a convite do Instituto Singularidades, um centro de referência na formação de professores, concedeu uma palestra aos docentes e alunos sobre suas visões relacionadas à educação democrática, baseadas em seu último livro, *La Educación es Política* – A Educação é Política.

A política, em sua origem etimológica, vem do grego *pólis*, a cidade e as pessoas que fazem parte dela. Seria, então, relacionada à convivência, ao comum. Em muitos países, discutir esse assunto passou a ser interpretado como "falar de políticos" ou da política exercida pelos partidos.

Carbonell comenta que em muitas das palestras que faz mundo afora, pergunta aos presentes quem se interessa por política, e as reações nem sempre são animadoras, muito ao desencanto que os políticos vêm causando nos mais diversos países.

A escola democrática como inspiração para o ensino superior

"A política entra na escola e na universidade por todos os lados. Quem vai dizer que hoje, em pleno século XXI, a escola não deve se abrir para a realidade da vida e do mundo? Quem pode negar isso? O que faz que o mundo se configure de uma forma ou de outra, ou que a nossa qualidade de vida melhore ou piore, senão pela política?", questiona o pedagogo catalão.

Por tudo isso, a escola democrática é a que ensina "como", e não "no que" pensar. Segundo Carbonell, uma escola, faculdade ou universidade deve estar aberta a isso. "Uma instituição de ensino hierárquica, autoritária, tradicional e velha não resiste à passagem do tempo. É lá que se pratica o diálogo e onde são plantadas as primeiras sementes de uma cidadania livre, ativa e crítica", explica.

A instituição de ensino seria a versão moderna da *ágora*, outra palavra de origem grega que quer dizer "espaço público comum", em que alunos, professores e toda a comunidade acadêmica começam a conviver democraticamente e a exercer seus direitos. Por isso, o pedagogo acredita que o papel do educador não é apenas o de ensinar disciplinas, sem juízo de valor.

"Os currículos e conteúdos estão carregados de valores, em termos interpretativos. Quando eu ensino, por exemplo, história, não sou neutro. Você tem de mostrar os fatos, mas também tem de dizer que há diferentes interpretações e visões quando conta isso. Portanto, sempre há política envolvida", explica.

Questionado sobre como o professor do futuro deve se portar diante de ambientes políticos que cada vez mais retiram a liberdade do docente ou tentam implantar formas de doutrinamento, como as ditaduras e regimes autocráticos, Carbonell defende a autonomia escolar. Ele acredita que as instituições de ensino devem estar relacionadas com a sociedade, com o mundo do trabalho e com a cidade, mas que são, principalmente, um espaço de formação, de estudo, de pesquisa e também de conversas e trocas.

"Numa democracia, numa sociedade democrática – me parece claro que aqui teríamos que discutir o que entendemos por democracia – a essência é que possa existir liberdade de expressão, quer dizer, que a escola possa falar de tudo. A escola, seja pública ou particular, tem o compromisso ético de mostrar o mundo, de ajudar os estudantes a compreendê-lo".

*O **Instituto Singularidades** é uma instituição de ensino superior, sem fins lucrativos, que tem como propósito transformar a educação por meio da formação inicial e continuada de professores. Saiba mais: institutosingularidades.edu.br*

Mantenedor instituto península

instituto SINGULARIDADES

Além do Fies

Estudiosos e gestores educacionais analisam a viabilidade do modelo de financiamento conhecido como ECR, criado na Austrália no final dos anos 1980. Melhorar a empregabilidade dos egressos é uma das condições para implantá-lo

por **Marta Avancini**



No primeiro semestre de 2019, foram oferecidas 100 mil novas vagas para o Fies, porém, até abril apenas 16% dos contratos haviam sido assinados. Além disso, do total de contratos vigentes (1,069 milhão), 47,7% estão inadimplentes, com atraso de mais de 90 dias. Os resultados do principal mecanismo de crédito para estudantes no Brasil, aliados à necessidade de expandir o acesso ao ensino superior num cenário de restrição orçamentária, são o pano de fundo de um debate que começa a repercutir no país: a implantação de um novo modelo de financiamento para o ensino superior, baseado em empréstimos com amortização condicionada à renda, conhecidos pela sigla ECR.

Implementado com sucesso na Austrália no final dos anos 1980, o ECR vem sendo considerado uma alternativa para o país por seu potencial de aportar recursos adicionais ao sistema e, simultaneamente, favorecer o ingresso de novos alunos e a equidade de acesso.

A principal característica de um crédito educativo nesse formato é o pagamento do valor financiado somente quando, depois de formado, o indivíduo atinge uma determinada faixa de renda.

Na Austrália, o patamar mínimo é de cerca de 45 mil dólares australianos ao ano, o que equivale a R$ 122 mil, aproximadamente. A partir desta faixa, é descontada na fonte, automaticamente, uma porcentagem do rendimento do indivíduo, a fim de restituir o montante financiado. O desconto varia conforme a renda (de 1% até um teto de 10%). O prazo para quitar a dívida é flexível, podendo durar a vida toda, dependendo do padrão de renda. Quem não atinge a faixa mínima não paga nada e não é considerado inadimplente.

Por isso, o ECR é tido como um modelo mais "inteligente e justo" do que o financiamento educativo convencional, define Paulo Meyer Nascimento, economista e técnico do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), especialista no tema. "A dívida é cobrada ao longo da vida da pessoa, vinculada à renda aferida", explica ele. Quem ganha mais paga mais, tornando o sistema mais equitativo e assegurando um fluxo de recursos para o programa, de modo que quem está estudando é financiado por quem já está no mercado de trabalho. Desse modo, o ECR funciona como uma proteção para o estudante, analisa Nascimento.

Em contrapartida, os créditos educativos convencionais – caso do Fies – possuem parcelas com valor fixo, calculadas a partir do montante emprestado. Além disso, a restituição do valor financiado geralmente começa pouco tempo após a graduação, na fase inicial da vida profissional, quando o indivíduo ainda não está estabilizado financeiramente – o que pode acarretar dificuldade para pagar as parcelas e aumentar o risco de inadimplência.

O baixo índice de preenchimento das vagas e a elevada inadimplência do Fies contrastam com os resultados do financiamento estudantil australiano, chamado Higher Education Loan Program (Help) – Programa de Empréstimo da Educação Superior, cuja taxa de inadimplência é de 20%. Outra evidência do sucesso do modelo australiano, assinala Bruce Chapman, criador do ECR e professor de economia da Universidade Nacional da Austrália, é o fato de que 80% dos créditos concedidos a estudantes são pagos integralmente e 95% dos beneficiários quitam parte de dívida. Chapman participou da Conferência Internacional sobre Financiamento Vinculado à Renda, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em julho.

IMPACTO NO SISTEMA

Por conta dos resultados gerados pelo Help na Austrália, há quem defenda que o ECR pode ser uma chave para solucionar o desafio da ampliação do acesso ao ensino superior no Brasil.

Como se sabe, o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelece aumento de 50% da taxa de matrícula na educação superior e que 33% da população entre 18 e 24 anos esteja matriculada num **curso superior** até 2024 – hoje, são 17,8%.

O Plano também determina aumento de 40% da oferta de vagas no ensino superior público

Na Austrália, as matrículas no ensino superior dobraram desde 1987, e a proporção de pessoas em idade de trabalhar com grau superior saltou de 8% (1988) para 31% (2018). "No final dos anos 1980, a economia estava em recessão e em desaceleração. Faltavam vagas e o nível de participação no ensino superior era baixo", diagnostica Timothy Higgins, também ligado à Universidade Nacional da Austrália. Segundo ele, a participação de estudantes de baixa renda no conjunto de universitários saltou de 16% em 2000 para 19% em 2017.

Esse contexto, semelhante ao existente no Brasil na atualidade, reforça os argumentos de quem defende a implantação do ECR no Brasil. Também conta a favor da ideia a difusão dessa modalidade de financiamento em diversos países: além da Austrália, os financiamentos estudantis no formato ECR vêm ganhando espaço em diversas partes do mundo. Inglaterra, Nova Zelândia, Hungria, Coreia do Sul e Japão são alguns dos países que criaram mecanismos inspirados no modelo australiano, adaptados à realidade local e com diferentes graus de sucesso e desafios (*leia mais na pág. 34*).

CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS

Na visão de Paulo Meyer Nascimento, o Brasil já possui condições para implantar o ECR. Para ele, um fator fundamental é a existência de mecanismos automatizados para o recolhimento dos pagamentos referentes ao ECR por meio de desconto de salários e outras fontes de renda – o que já existe no país. "A Receita Federal tem condições de fazer isso, seja cobrando diretamente, seja fornecendo as informações necessárias para um órgão que se responsabilize pelo programa", explica.

Além disso, a legislação referente ao Fies (Lei n.º 13.530 de 2017) dá margem para a implantação do ECR no âmbito do programa, ao prever a cobrança de parcelas da dívida com base em uma porcentagem dos rendimentos dos devedores (Artigo 5º – VIII). No entanto, esse ponto precisaria ser regulamentado, o que ainda não ocorreu.

Esses fatores, somados à experiência internacional, sinalizariam, segundo o pesquisador, a viabilidade do ECR num país como o Brasil, começando pelo setor privado, através da reformulação do Fies. "Claro que existem ajustes na legislação e a maneira de operacionalizar isso seria tornar os processos os mais automáticos possíveis. É o que acontece na Inglaterra e na Austrália. Na Inglaterra, existe uma instituição específica para gerir o ECR; na Austrália é um órgão equivalente à Receita Federal brasileira que faz a cobrança, como se fosse um tributo, e repassa o valor para o ministério da educação", detalha.

Já a criação de um ECR para financiar o ensino superior público é mais complicada, pois esbarra na Constituição Federal, que determina a gratuidade do ensino superior, admite Nascimento. Apesar disso, ele está entre os defensores da ideia, argumentando que essa modalidade de financiamento pode ampliar o volume de recursos disponíveis para as instituições públicas, além de favorecer o ingresso dos mais pobres.

FINANCIAMENTO PÚBLICO X PRIVADO

Mesmo que o ambiente legal e administrativo brasileiro possibilite a implantação do ECR e que, em certos aspectos, o Brasil apresente semelhanças com a Austrália da década de 1980, a ideia gera questionamento entre especialistas e gestores, que veem mais diferenças do que pontos em comum – especialmente no que diz respeito ao tamanho

Em 2017, apenas 1,9 milhão de alunos concluiu o ensino médio. A baixa taxa de concluintes se deve à contínua queda na taxa de natalidade no país, mas também aos altos índices de evasão

da população, às condições socioeconômicas e às características do sistema de ensino superior dos dois países.

No Brasil, a desigualdade socioeconômica é um fator que interfere diretamente no acesso e, especialmente, na permanência do estudante. Dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) indicam que 65% dos alunos das instituições particulares pertencem às classes C, D e E. Paralelamente, um estudo da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES) mostra que 36% da evasão na educação superior particular está ligada a fatores econômicos.

Nesse sentido, um modelo de financiamento diferente do atual Fies é bem-vindo, mas ele precisa estar associado a outras políticas e ações, como a melhoria da educação básica – o que pode aumentar a **clientela potencial para o ensino superior**. Vale lembrar que muitos estudantes veem seu ingresso barrado porque não atingem o patamar de 450 pontos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que os habilitaria a concorrer ao Fies e ao Programa Universidade para Todos (ProUni), porta de entrada para muitos jovens de baixa renda.

Outro ponto relevante para o debate, opina João Otávio Bastos Junqueira, diretor de Relações Institucionais do Semesp, é a forte presença do setor privado no ensino superior brasileiro, que é responsável por 75% das matrículas e tem liberdade para estabelecer os valores das mensalidades. Esta é uma diferença crucial em relação à Austrália, pois lá o ECR foi implementado no contexto de um sistema predominantemente público, que era gratuito e passou a ser pago. Por isso, o governo pôde estabelecer um teto para as anuidades.

"Como fazer a regulação num sistema como o brasileiro, em que uma parcela das instituições oferecem uma formação de qualidade relativa, em que o diploma não agrega, necessariamente, tanto de ganho de renda para os formandos?", questiona Junqueira, que também é presidente da Associação Brasileira das Instituições Comunitárias de Educação Superior (Abruc).



Auditório da Monash University, *em Melbourne (Austrália): 80% dos créditos concedidos a estudantes são pagos integralmente*

O fenômeno está ligado, de um lado, ao desempenho da economia: em um ano, o desemprego das pessoas com ensino superior aumentou 13%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) divulgada em junho de 2019. Outro estudo, realizado pelo Ipea em 2018, mostra que 44,2% dos jovens de 24 a 35 anos com formação superior exercem trabalhos que exigem menos qualificação do que a escolaridade adquirida. Em 2012, eram 38%.

De outro lado, o caráter excessivamente bacharelesco da graduação no Brasil, aliado à concentração de matrículas em determinados cursos como Administração, Pedagogia e Direito, gera formandos com menor condição de empregabilidade, analisa Helena Sampaio, integrante do Laboratório de Estudos de Educação Superior (Lees) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Para ela, isso gera um problema para a implantação de um modelo de financiamento como o ECR: "Como garantir o fluxo de recursos para o programa num cenário de baixa empregabilidade e mobilidade, mesmo com o diploma?". Por isso, defende a pesquisadora, é essencial melhorar a qualidade dos cursos.

Nesse sentido, o sociólogo Simon Schwartzman defende que a eventual criação de um ECR no Brasil vincule-se a um maior controle da qualidade e à evidência de empregabilidade, como critérios para a concessão do crédito. Dessa maneira, aumentam as chances de restituição do valor financiado e o comprometimento das instituições de ensino com a qualidade. "Um dos problemas do Fies foi a expansão do crédito sem um monitoramento da qualidade", analisa Schwartzman.

Experiências com o ECR

Depois da Austrália, diversos países adotaram o modelo de empréstimo vinculado à renda, como Inglaterra, Nova Zelândia, Japão e Coreia do Sul



A experiência australiana inspirou diversos países a implantar sistemas de ECR para crédito educacional. Um dos casos mais conhecidos é o da Inglaterra, que adotou o modelo num contexto de limitação de recursos e queda dos investimentos na educação superior. A medida resultou na implantação de cobrança de taxas a partir de 1999, com um valor máximo de mil libras. Até então, o sistema era público e gratuito.

A partir de 2006, o programa foi reformulado, com o aumento da taxa para 3 mil libras e uso do ECR para despesas de manutenção dos estudantes, num contexto em que o governo passou a direcionar investimentos para determinadas áreas.

Em 2012, houve novo aumento da taxa, que saltou para 12 mil libras, somada a uma política de corte total de investimentos na área de humanas. Em 2019, com a conclusão de que a medida havia sido radical, houve uma nova reformulação, com a redução da taxa para 9,5 mil libras e o direcionamento de investimentos por área do conhecimento.

Na Inglaterra, os formados pagam 9% acima de rendimentos uma vez que sua renda seja de no mínimo 25 mil libras (cerca de R$ 115 mil) e a dívida prescreve após 30 anos. Aqueles que conseguem melhores posições no mercado de trabalho pagam o valor integral da dívida, acrescido de juros e taxas governamentais. Os que não alcançam um bom desempenho são subsidiados.

O principal efeito do ECR na Inglaterra, de acordo com Lorraine Dearden, do University College London and Institute for Fiscal Studies, foi o aumento significativo da participação das camadas de baixa renda – entre 50% e 100%, dependendo do critério utilizado.

Assim como se constata na comparação entre Inglaterra e Austrália, os estudos de Dung Doan, pesquisadora da Universidade Nacional da Austrália, mostram que os arranjos e os impactos locais de cada modelo de ECR variam significativamente.

A Nova Zelândia implantou o ECR em 1992 para financiar anuidades e gastos dos estudantes durante o curso. O sistema, relatou Dung durante o evento do Ipea, é parecido com o australiano, mas é "mais gentil" com os devedores (as taxas de juro são subsidiadas, o que gera um ônus maior para o poder público sustentar o sistema).

Hungria, Coreia do Sul e Japão são outros países que adotam, também com suas variações



Estudantes da Central Saint Martins University, *em Londres: adoção do ECR elevou a participação da população pobre no ensino superior*

e adaptações locais o modelo para financiar a educação superior. Assim como os outros casos, os resultados e impactos são variáveis, dependendo das características locais.

Na Hungria, por exemplo, o sistema é gerido pelo governo, mas é sustentado por fundos privados, o que o torna vulnerável a crises financeiras. Foi implantado em 2001 e reestruturado em 2012, quando começaram a ser cobradas mensalidades nas instituições públicas de ensino superior.

Nesse país, o montante a ser pago não é escalonado conforme a renda: todos pagam 6% do rendimento médio nos dois últimos anos – mesmo quem está desempregado – e não é efetuado débito direto na fonte, o que torna o sistema mais ineficiente em relação a outros.

DIVERSIDADE DE VERSÕES

No Japão, o sistema de financiamento não é universal, como ocorre nos demais países onde existe ECR como crédito educativo. Além disso, este modelo convive com o crédito educativo convencional e os alunos são destinados a um ou outro por dois tipos de critérios: mérito ou necessidade financeira. Juntos, atendem 38% dos alunos matriculados no ensino superior – 14% com ECR.

A situação da Coreia do Sul é semelhante à do Japão em alguns aspectos: o crédito convencional convive com o ECR num sistema estatal implantado entre 2009 e 2010, que não atende todos os universitários.

O ECR é destinado aos estudantes de menor renda, que muitas vezes fazem empréstimos de valor elevado para arcar com as taxas universitárias. O grau de endividamento dos jovens tende a ser elevado, já que 40% dos universitários formados de até 30 anos não têm renda, pois estudam para prestar concursos públicos. Por isso, dependem da família para pagar a dívida.

Como aponta a pesquisadora Dung, um ECR pode se adequar às condições específicas de cada país – características do mercado de trabalho, sistema administrativo e fiscal. No entanto, um modelo adequado deve evitar, entre outros pontos: cobrar dos devedores quando eles não têm condições de pagar, atender apenas uma parcela dos estudantes e/ou ter mecanismos de cobrança ineficientes.

No que diz respeito à sustentabilidade do sistema, Lorraine, da Inglaterra, afirma que um fator relevante para a sustentabilidade de um sistema de ECR é a participação dos egressos na força de trabalho e a renda deles ao longo da vida.

Em outras palavras, quanto maior a participação e melhor a renda dos indivíduos com diploma universitário, melhor para a manutenção de um ECR. Desse modo, mais pessoas estarão aptas a cumprir os requisitos para devolver o valor emprestado e realimentar o sistema. Caso contrário, a inadimplência pode ser elevada, onerando o governo e prejudicando a sustentabilidade do sistema.



Cobrança de quem pode pagar

Estudo revela que a cobrança de mensalidades na rede pública poderia gerar R$ 10,4 bilhões de receitas ao governo, o suficiente para financiar 856 mil alunos pelo Fies

A cobrança de mensalidades em instituições públicas é um tema polêmico. Muitos sequer aceitam discuti-la. O assunto, porém, está sempre rondando os debates educacionais, especialmente aqueles que tocam na questão do acesso. Apenas 17,8% dos jovens de 18 a 24 anos estão no ensino superior e o Fies, principal programa de financiamento do país, encolheu muito nos últimos anos em função dos problemas de inadimplência e do corte de vagas.

Essas vagas, que hoje estão em torno de 100 mil no Fies público, poderiam chegar a 856 mil caso as universidades públicas passassem a cobrar mensalidades. Um estudo realizado pelo Semesp estima que a medida tem potencial para gerar uma arrecadação anual de R$ 10,4 bilhões. Para comparação, o orçamento aprovado para todas as 63 universidades federais em 2019 é de R$ 49,621 bilhões.

Realizado pelo economista Rodrigo Capelato, o estudo analisou os microdados do Enade de 2015, 2016 e 2017 e verificou que 46% dos alunos da rede pública têm renda familiar de até 4 salários mínimos (até R$ 3.992,00). Na faixa de 4 a 6 SM (até R$ 5.998,00), estão 29,8% deles, enquanto a participação dos estudantes com rendimento familiar de 6 a 12 SM (até R$ 11.976,00) é de 13,1%. Finalmente, 11,1% dos alunos das IES públicas se encaixam na faixa de renda acima de 12 SM (acima de R$ 11.976,00).

Em um cálculo que envolveu o valor médio das mensalidades praticadas na rede privada mais os critérios do Fies (entre eles, o de de valor máximo financiado), o levantamento chegou ao seguinte cálculo: em média, os alunos da rede pública poderiam pagar 45,5% das mensalidades. Esse percentual varia conforme a faixa de renda do estudante e o custo do curso. Uma faculdade de Medicina, que cobra R$ 7.231,20 (em média) teria um custo aproximado de R$ 50,00 para os alunos de menor renda. (**MK**)

Mensalidade nas públicas

A tabela abaixo considera o valor médio das mensalidades cobradas pelas instituições de ensino particulares:

Percentual que pode ser pago pelo aluno por faixa de renda e por curso

Grupo de curso	Até 4 SM	De 4 a 6 SM	De 6 a 12 SM	Acima de 12 SM	Total geral
Todos os cursos	12,90%	14,90%	6,60%	11,10%	45,50%
Cursos de tecnologia	16,10%	18,90%	6,30%	5,40%	46,70%
Cursos de engenharia	6,80%	17,00%	9,90%	18,40%	52,10%
Cursos de licenciatura	25,30%	11,50%	2,80%	2,20%	41,70%
Arquitetura e urbanismo	5,40%	16,50%	10,70%	22,50%	55,00%
Odontologia	3,90%	12,30%	9,60%	17,10%	42,90%
Medicina	0,70%	3,10%	4,40%	34,60%	42,80%
Enfermagem	16,20%	15,50%	4,10%	3,10%	38,90%
Serviço social	24,70%	12,70%	3,10%	2,50%	43,00%
Direito	5,20%	13,80%	11,00%	30,10%	60,10%

Fonte: Semesp

APRESENTADO POR BRG



“Miopia” no marketing da IES e problemas na captação e evasão

Entenda como as campanhas para matrículas nas instituições focadas apenas no aspecto financeiro podem estar em descompasso com os interesses dos novos alunos

por Marcelo Daniel

Já faz algum tempo que o ingresso em uma instituição de Ensino Superior significava, por si só, ser absorvido pelo mercado de trabalho no futuro.

“A universidade precisa entender que ela é um meio e não uma garantia de carreira para quem entra; o que percebemos é que, ainda hoje, há lacunas entre o que os candidatos esperam e os conteúdos a eles oferecidos”, observa o CEO da BRG Educacional, Rodrigo Wazlawig.

Na visão do psicólogo, ao fazer a matrícula, existem diversos fatores que fazem a conexão entre o aluno e a IES – um deles, por exemplo, é o quesito financeiro, que é importante, porém não representa a única variável.

Para o *senior Product Manager and New Business* da BG Educacional, Thiago Balero, a oferta de vagas na educação superior no país ainda está ligada a uma captação que ele classifica como “volumétrica”, com foco, principalmente, no valor da mensalidade.

Mais alinhamento, menos impulso

Ao se comunicar com esse aluno de forma voltada prioritariamente à questão financeira, na visão de Balero, a IES desempenha uma ação “míope” de marketing, e corre o risco de ter problemas – tanto do ponto de vista da captação, quanto da evasão.

“A questão do dinheiro é apenas um dos gatilhos desse relacionamento e, ao se distanciar dos anseios pela futura carreira do estudante, é aí que ele geralmente tranca a matrícula ou troca de faculdade”, explica.

Para preencher esse *gap*, Wazlawig investiu em conhecimentos da área de psicologia e tecnologia para produzir uma plataforma online, que é a evolução do teste vocacional tradicional. “A ideia foi modernizar esse processo usando ciência de dados, inteligência artificial e *Machine Learning* para analisar os interesses de cada aluno, de forma individualizada”, diz.

Com a solução da BRG Educacional, além do quesito financeiro, outros fatores conectam a universidade ao candidato, como áreas de interesse, possibilidades de carreira e até geolocalização.

Na opinião de Balero, é uma forma de receber alunos que não se inscreveram pelo simples impulso. “É uma entrega de um *lead* extremamente qualificado, de um indivíduo consciente do que busca e que, assim, sabe o que esperar da instituição”, diz.

Um conhecimento e direcionamento de público-alvo que pode proporcionar uma economia de até 20% no investimento em marketing.

brgeducacional.com.br

DeBem

Para a vida toda

Instituições apostam em programas acadêmicos completos para fortalecer o vínculo com os alunos. Ações vão desde incentivo para participar de programas sociais até o suporte para a abertura do próprio negócio

por **Marina Almeida**

Quem é da área do marketing sabe que o conceito de *customer experience* é um dos mais falados hoje em dia. Ele se refere à tese de que é preciso agradar o consumidor antes, durante e depois da compra para que sua experiência com a empresa seja a melhor possível. Ao longo dos últimos anos, essa ideia se espalhou por vários setores e extrapolou a relação empresa-consumidor. De olho na retenção de profissionais talentosos, grandes companhias também estão cuidando da experiência de seus funcionários. E no setor educacional, escolas e instituições de ensino superior também querem surpreender seus alunos – e não apenas com bons professores e uma ótima formação acadêmica.



Embora essa preocupação esteja mais difundida nos Estados Unidos, por aqui também instituições vão acompanhando essa tendência, que busca elevar os níveis de satisfação e engajamento dos alunos e, consequentemente, o sentimento de



As arquitetas Aline Rocha (*à. esq.*) e Amanda Gouveia *trabalham com realidade aumentada em seus projetos. Apoio do Centro Universitário Belas Artes foi fundamental*

Bruno Ascenso

pertencimento, algo fundamental para a manutenção dos vínculos entre as duas partes.

O Centro Universitário Belas Artes, de São Paulo, aposta no apoio ao empreendedorismo para dar vazão aos anseios dos jovens e adultos que querem seguir carreira no mundo das artes, informa Josiane Tonelotto, superintendente acadêmica do Belas Artes. Ela conta que o currículo de todos os cursos tem uma disciplina voltada para o empreendedorismo e que todas as ideias com po-

tencial para se transformar em um novo negócio contam com o apoio do Núcleo de Empreendedorismo e Inovação (NEI).

Funcionando como uma incubadora de projetos inovadores por até dois anos, o NEI oferece um espaço físico para os alunos trabalharem e uma mentoria especializada, que avalia os diversos aspectos do novo negócio. "Às vezes as ideias são boas, mas os alunos têm dificuldade de encaminhá-las. No NEI, além de elaborarem um plano de ação, eles começam a colocar seu trabalho em prática sob a orientação dos nossos professores", explica Tonelotto.

A tecnologia funciona como um holograma que permite, via câmera do celular, que a pessoa veja o ambiente em que está com informações gráficas adicionadas a ele

Chegando ao final do curso com perspectivas pouco animadoras de trabalho na área, Aline Rocha procurava uma ideia para criar seu próprio escritório de arquitetura. "Quando conheci a realidade aumentada, pensei que esse poderia ser um diferencial para o meu negócio", conta. Junto com Amanda Gouveia, colega e sócia, elas apresentaram sua proposta ao NEI. "O coordenador viu que essa era uma necessidade do mercado e validou nosso projeto. Como não tínhamos experiência, o Núcleo foi fundamental para fazer nosso trabalho deslanchar."

Aline Rocha e sua sócia contataram uma plataforma americana que usa a **realidade aumentada**. A empresa propôs uma parceria e hoje elas são as únicas representantes da AUGmentecture no Brasil. Além dos trabalhos para diversos clientes com essa plataforma, elas têm seu próprio negócio na área, onde usam a realidade aumentada para apresentar seus projetos arquitetônicos.

Para a estudante, que agora cursa mestrado sobre o tema na mesma instituição, o apoio do NEI foi fundamental. "A ideia de que podíamos vender nosso trabalho para grandes empresas veio do coordenador do Núcleo, por exemplo. Hoje já fizemos trabalhos para empresas como a revista *Casa Cor*, a construtora MRV e a Herman Miller". Ela ainda conta que a universidade ofereceu todo o apoio para que firmassem a parceria com a empresa de realidade aumentada, desde um espaço onde pudessem receber o CEO norte-americano à ajuda com a negociação e leitura do contrato.

Além do NEI, Tonelotto ressalta outras ações voltadas para a carreira dos alunos do Belas Artes e, logo, para o fortalecimento do vínculo com a instituição. Como exemplo, ela cita uma plataforma para o aluno gerenciar sua própria carreira e se aproximar de possíveis empregadores. "Esse conjunto de ações permite que o aluno se torne protagonista de sua própria carreira, o que influencia tanto em sua retenção quanto na empregabilidade dos que estão se formando", aponta.

Para a professora, a principal característica dessa geração é entrar no mercado de trabalho no momento de uma crise sem precedentes, com altas taxas de desemprego e recessão. "Vivemos um momento em que não há garantia de trabalho para nenhuma profissão, por isso é importante desenvolver ações que levem a essa autonomia, para que os jovens tenham condições de enxergar um leque de opções em suas áreas. Os alunos se formam ainda muito jovens para entrar num mercado extremamente competitivo; se não tiverem uma rede de apoio – formada principalmente pela escola que os formou – ficam muito sozinhos."

INTERDISCIPLINARIDADE

De olho no aumento da competitividade em escala mundial, a FAAP criou o Global Management. "O programa aproveita a sinergia das grades curriculares dos cursos de Administração, Economia, Relações Internacionais e Direito para oferecer ao aluno a oportunidade de cursar mais disciplinas, além daquelas do seu curso de graduação", explica Fernanda Magnotta, coordenadora do curso de Relações Internacionais da FAAP.

A professora conta que foi feita uma pré-seleção de um conjunto de disciplinas – três de cada um dos cursos envolvidos – que atende ao desenvolvimento de habilidades e competências para o profissional do futuro dessas diversas áreas. A participação no Global Management é opcional e os



Carolina da Costa, *vice-presidente de graduação do Insper: horário livre para ouvir os alunos e trabalhar suas ideias e anseios*

alunos que concluem o projeto recebem uma certificação, além do diploma em sua área de graduação. No programa, são os alunos que gerenciam o fluxo de disciplinas que cursarão a cada semestre. Para participar, não há custos adicionais, desde que concluam sua graduação no período esperado.

"O programa tem como base dois valores: a interdisciplinaridade e a internacionalização. Nossa preocupação era oferecer uma formação que ajudasse o aluno a desenvolver diversas capacidades, de negociação, comunicação, socioemocional, preocupações ambientais... – novas exigências do mundo do trabalho. Além disso, ao final do processo, o aluno terá tido contato com os melhores momentos das outras áreas envolvidas", diz Magnotta.

Para a implementação do Global Management foi necessário realizar adequações no espaço físico e na grade horária dos alunos. Segundo a coordenadora, outro ponto importante foi trabalhar a recepção de alunos e professores aos estudantes oriundos de outros cursos. "Para os docentes explicamos que seria necessário fazer adequações na aula e na linguagem, pois esses novos alunos não têm o **mesmo repertório dos demais**. Em troca, eles ganharam turmas mais ecléticas, com experiências mais diversificadas", conta. O programa, criado há um ano e meio, teve bastante procura: mais de 200 estudantes até o momento.

PROTAGONISMO JOVEM

Com preocupações semelhantes no horizonte, o Insper desenvolve projetos para aproximar o aluno do mercado de trabalho (considerando as diversas alternativas de carreira), incentivar o empreendedorismo e o protagonismo dos jovens. Nesse sentido, Carolina da Costa, vice-presidente de graduação do Insper, ressalta o papel das entidades estudantis, que são organizadas pelos alunos, mas contam com o apoio da universidade em termos de recursos e estrutura. "Atualmente te-

Para apoio aos alunos, uma plataforma permite que os professores indiquem textos, realizem discussões e acompanhem o aprendizado

mos 28 entidades, nas quais mais de 70% dos alunos participam desenvolvendo projetos relevantes em diversas áreas", diz. Ela acredita que essa atuação dos alunos é importante não só por complementar o ensino da sala de aula, mas por desenvolver habilidades socioemocionais e pessoais.

A percepção é semelhante à de Júlia Cezar Carneiro de Lacerda, aluna do 5º semestre de Administração. "Aprendi a me relacionar e a agir de uma forma melhor com as pessoas e o mundo", pontua. A estudante participou do Grupo de Ação Social, que organiza ações de doação de sangue e de cabelo, aulas de reforço oferecidas pelos próprios alunos em troca de doações de alimentos, entre outas atividades.

A aluna também fez parte da Insper Jr., iniciativa que oferece, durante as férias, capacitação em temas amplos. Há desde aulas de oratória e de Excel a visitas a empresas. Já na empresa Júnior – que oferece consultoria em diversas áreas, como marketing, finanças e planos de negócios –, cada aluno trabalha em uma função. Lacerda também acredita que essas experiências foram fundamentais para que ela fosse selecionada para uma bolsa de intercâmbio da Fundação Lemann.

A vice-presidente de graduação ainda destaca o MultiInsper, um projeto que surgiu de sua busca por ouvir as ideias e os desafios enfrentados pelos alunos. "Há quatro anos criei esse experimento de ter um horário reservado para recebê-los. Eles traziam muitas sugestões e também questões pessoais. A partir daí desenvolvemos essa ideia de ter um espaço de apoio integral ao aluno, uma estrutura que pudesse recebê-lo a qualquer hora", diz Carolina da Costa.

Ela explica que o projeto desenvolve ações preventivas por meio de rodas de conversa, mentoria e apoio individual. Quando identificam uma situação mais crítica, indicam ao aluno que procure apoio psicológico especializado. "Nosso foco é a questão psicopedagógica. Hoje realizamos mais de 500 atendimentos por mês, número que chega a mil em alguns meses", diz. Outro ponto importante é a capacitação dos docentes para lidar com temas socioemocionais: "o professor também precisa de apoio".



Entre os benefícios dessas ações, Costa aponta o engajamento voluntário dos alunos em ações da universidade e a redução da evasão, cuja taxa chegava a 15 % há sete anos. Hoje ela fica abaixo dos 7% em alguns cursos. "Mas o que mais me orgulha é ver que criamos uma cultura de cuidado e interesse pelo aluno. Acredito que essa prática de abertura para o diálogo também ensina o aluno a ser um bom gestor no futuro, a aprender a ouvir quando for sua vez."

COLABORAÇÃO E AUTONOMIA

O Centro Universitário Celso Lisboa, localizado no Rio de Janeiro, apostou suas fichas na criação de uma nova metodologia de ensino para elevar a qualificação de seus egressos em todos os aspectos, técnicos e não técnicos.

"Percebemos que ou redesenhávamos nosso processo educacional ou não iríamos sobreviver, como a maioria das faculdades não irá, se não mudar a forma de tratar a educação no país", explica Sandra Helena Santos, professora do curso de Recursos Humanos (RH) da Celso Lisboa. Desde 2016, a instituição abandonou a organização por disciplinas para trabalhar com projetos. "As turmas se dividem em grupos de projetos, que desenvolvem uma linha teórica e prática daquilo que vão estudar. Com esse formato, a colaboração e a aprendizagem por pares também são muito estimuladas", aponta a professora.



"Ao longo do período, nós levamos mentores, outros professores, profissionais do mercado para ajudar os estudantes a elaborar seus projetos e trazer novas visões de possibilidades de trabalho. Já tivemos trabalhos sobre o descarte consciente do lixo de uma comunidade, sobre feminicídio, segurança pública, entre outros." Ela conta que alguns alunos chegam a dar continuidade aos projetos, e que já tiveram casos de conseguir patrocínio para colocá-los em ação.

Para avaliar o novo modelo, uma ferramenta de avaliação está sendo elaborada. Outros dados, porém, apontam a aprovação da metodologia (batizada LIGA) pelos alunos. "As reclamações que recebíamos na ouvidoria caíram muito. Esse modelo aproxima professores e alunos, dirime dúvidas e reduz a ansiedade dos estudantes. Os coordenadores também passaram a atuar como educadores, e não mais como mediadores de conflito, como acontecia", aponta Sandra.

Segunda ela, a retenção também é maior com este modelo. "Não é todo aluno que se adequa, até porque é um modelo que exige que o aluno estude muito, então temos algumas desistências nos primeiros meses de curso. Uma vez que o aluno está adaptado, no entanto, o número de transferências é muito baixo."

ALUNOS DO EAD E DO NOTURNO

A preocupação com a experiência do aluno que estuda a distância é bem menos visível, mas existe, atestam alguns. Pensando em um curso a distância que fosse mais do que um "conjunto de apostilas, alguns vídeos e um fórum pouco interativo", nas palavras de Eduardo Halpern, gestor acadêmico do Celso Lisboa, a instituição desenvolveu uma metodologia para trabalhar com projetos, tal como faz no presencial. Cada plano é composto por várias etapas, que precisam ser cumpridas ao longo de uma jornada gamificada. Por meio de uma plataforma desenvolvida pela Cisco, os alunos podem ainda realizar videoconferências e editar documentos em grupo.

Outra diferença apontada por Halpern está no polo presencial. "Nosso polo é um local de recepção e acolhimento, onde o aluno aprende sobre como estudar nesse novo modelo, conhece seu grupo e seus professores, de forma a tornar essa experiência menos intimidadora." Segundo ele, as taxas de evasão e reprovação geralmente são altas no EAD, pois o aluno tem pouco apoio quando encontra dificuldades em seu percurso. A **expectativa** é que polo funcione como um espaço para os alunos se reunirem pessoalmente, fazerem trabalhos e receberem apoio acadêmico.

Os alunos do noturno, que geralmente trabalham durante o dia, também precisam que os projetos se adaptem às suas necessidades. Para Tayra Miranda, aluna do 10º semestre de Arquitetura e Urbanismo do Belas Artes, o horário estendido do programa Gestão de Carreiras foi fundamental para que ela pudesse participar.

"Fazia estágio e trabalhos como freelancer durante o dia, mas conseguia ser atendida no horário antes do início da minha aula", explica a estudante. Ela conta que tinha dúvidas sobre continuar na arquitetura e que a mentoria foi fundamental para que ela pudesse enxergar outras possibilidades de trabalho na área, além de ter revelado novas habilidades. "Descobri meu interesse pela tecnologia e fui aprovada num curso do Facebook entre mais de mil candidatos, isso graças ao apoio da mentoria em todas as etapas da seleção. No TCC, também estou tentando aliar a tecnologia à arquitetura", diz Miranda.

As primeiras turmas do EAD da Celso Lisboa, que tiveram início em agosto, são Administração, Recursos Humanos, Processos Gerenciais e Pedagogia. Outros 11 cursos devem ser lançados no primeiro semestre de 2020.



O que esperar do futuro

Acontecimentos podem tomar rumos inesperados, mas é possível antever alguns cenários. Na área da educação, deve ganhar espaço a transformação digital do negócio e do ensino

A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e a decisão dos ingleses de deixar a União Europeia (Brexit) chocaram muita gente, e não só pelo simbolismo dos atos. Os dois acontecimentos eram tidos como implausíveis, quando não impossíveis. Mas o inesperado aconteceu e esse padrão deve se repetir muito daqui para a frente, afirma o finlandês Markku Wilenius, pesquisador do **Finland Future Research Centre**, um dos poucos departamentos acadêmicos do mundo dedicados aos estudos de futuro. O mundo não é mais linear; fenômenos aparentemente insignificantes podem ter grandes impactos, e o contrário também, diz o especialista.

Ligado à Escola de Economia da Universidade de Turku, o centro de pesquisas tem como missão promover um futuro sustentável

Nessa lógica, é preciso mudar a maneira de conceber o futuro e, principalmente, investir nesse campo de conhecimentos, que pode nos ajudar a lidar com a complexidade do mundo, destacou Wilenius durante apresentação feita no seminário *O futuro do ensino superior*, realizado pelo Semesp em São Paulo.

Falando especificamente da área educacional, o pesquisador citou o aumento do número de ingressantes no ensino superior no mundo todo, como mostrou um levantamento da Unesco. Entre 2000 e 2017, todas as regiões tiveram uma expansão de universitários. Na América Latina e no Caribe, o incremento foi de 100%, aproximadamente. O dado é muito positivo para o setor, porém, as instituições precisam se atentar para alguns fatos. Apesar de ser uma indústria avaliada globalmente em 6 trilhões de euros, ela tem negligenciado problemas bem conhecidos, como a falta de eficiência – e isso nos setores público e privado. A baixa de qualificação dos professores também merece ser enfrentada, bem como a necessária atualização do currículo dos cursos. Em breve, várias profissões serão extintas, alertou o especialista.

Outro desafio tão relevante quanto esses é o da inovação. "Historicamente, o setor educacional não investe – ou investe muito pouco – em inovação, e isso em termos globais", disse. Porém, isso deve mudar. Há muitas startups especializadas no setor educacional desenvolvendo produtos e serviços com potencial para transformar a ges-









De cima para baixo: MarkkuWilenius, Hector Escamilla, Wagner Sanchez e Gustavo Gennari. À esq.: Fábio Reis

tão das instituições e a aprendizagem, lembrou o professor, que também é responsável pela cátedra **Learning Society and Futures of Education**, criada pela Unesco na Universidade de Turku.

Especificamente sobre a aprendizagem, o especialista ressaltou a necessidade de aumentar o engajamento dos alunos e personalizar os estudos, meta que pode ser alcançada com a ajuda da tecnologia.

APOSTA NA FLEXIBILIDADE

Considerando os aspectos destacados por Wilenius, é possível dizer que a Universidade Tecmilenio está alinhada com o futuro. Criada em 2002 no México, a instituição tem um modelo de ensino bastante flexível. "Nossos jovens vivem em um mundo de personalização. Tudo está personalizado, mas as universidades seguem modelos de produção em massa", apontou o reitor Hector Escamilla. "Fizemos uma ampla reformulação do nosso modelo acadêmico para permitir que nossos alunos sigam seus interesses. As pessoas têm sonhos diferentes. Hoje, 40% da grade dos cursos é customizável", acrescentou o educador, que também se apresentou no seminário do Semesp.

O objetivo da cátedra é apoiar estudos de futuro que contribuam com a erradicação da pobreza e a promoção do bem-estar em países em desenvolvimento

Além da personalização, a Tecmilenio eliminou matérias consideradas "desnecessárias". "Todas aquelas que não contribuem com o desenvolvimento de competências para o século 21 foram descartadas", informou o reitor.

A mudança de posicionamento ocorreu em 2012, aproximadamente dez anos depois de sua fundação. Criada com o propósito de acolher um grande número de alunos, a instituição viu sua meta ser cumprida durante anos seguidos. A primeira queda no número de ingressantes aconteceu em 2010. E se repetiu em 2011 e 2012, até que a universidade decidiu se reinventar.

"Em 2012, havia no México mais de 3 mil universidades. Iniciamos um processo de inovação disruptiva porque queríamos ser únicos. Para conseguirmos isso, tínhamos que atender às necessidades autênticas do nosso público, disse.

Foi assim que eles passaram a olhar verdadeiramente para os alunos e seus interesses e necessidades. "Promovemos uma mudança de *mindset* muito importante, pois antes pensávamos que sabíamos tudo. Fizemos um exercício para conhecer as tendências mundiais, as necessidades dos jovens e as de suas famílias. Também olhamos as exigências das empresas", detalhou Escamilla. Os ingressantes dos cursos preparatórios da Tecmilenio nasceram em 2004; os dos cursos superiores, em 2001.

A qualidade acadêmica também foi questionada e ela passou a girar em torno da empregabilidade. A partir disso, eles passaram a analisar com profundidade as necessidades do setor produtivo. "Hoje as pessoas são contratadas pelo que elas sabem fazer, por suas competências. Antes se olhava o diploma, mas hoje, não", contou. Desde então, todos os cursos da Tecmilenio não são mais organizados por disciplinas, mas sim por competências.

BEM-ESTAR

Além da empregabilidade, o modelo acadêmico da Tecmilenio também se sustenta sobre outros dois pilares: o bem-estar e o propósito de vida. Na visão de Hector Escamilla, esses aspectos são fundamentais e até mesmo mais importantes que as competências tidas como essenciais para o profissional do século 21. "Se as pessoas estão bem e sabem aonde querem chegar, elas aprendem o que têm de aprender. E quando elas fazem o que amam, elas fazem melhor", explicou o reitor. "O importante na vida de uma pessoa que vai viver mais de 100 anos é que sua vida tenha sentido. Sua vida precisa ter sentido e você precisa ser feliz, fazer o que ama", acrescentou.

Com esse novo modelo, a universidade mexicana se tornou a primeira do mundo a adotar a psicologia positiva, um ramo da psicologia criado nos Estados Unidos por Martin Seligman. A diferença de sua abordagem é que ela não enfatiza os problemas do indivíduo para tentar solucioná-los. Em linhas gerais, ela prioriza a identificação de aspectos que geram felicidade para as pessoas.

Com o apoio de Harvard, que desde 2006 ensina teorias da psicologia positiva, a Tecmilenio criou um ecossistema de bem-estar e felicidade. Como faz questão de ressaltar Escamilla, não se trata de uma disciplina ou de uma atividade extracurricular. Toda a universidade trabalha para que os alunos alcancem bem-estar e encontrem o seu propósito de vida. Para conseguir isso, todos os professores e demais funcionários receberam formação na área.

RESGATAR O VALOR DO ENSINO SUPERIOR

Na opinião de Rodrigo Capelato, diretor executivo do Semesp, os dados apresentados pelo pesquisador Markku Wilenius e o exemplo trazido pela Tecmilenio reforçam para os educadores e gestores educacionais a necessidade de enfrentar a seguinte questão: estamos criando valor para os nossos alunos? "Junto com a crise econômica, há uma crise de valor. Os alunos estão na dúvida se fazem ou não ensino superior, e não são poucos exemplos. Nós tivemos uma onda de famílias que colocaram seus filhos na universidade e hoje elas estão questionando: será que valeu a pena? Isso é crise de valor", apontou o economista.

A questão da empregabilidade também precisa ser enfrentada, destacou Gustavo Gennari, fun-



Rodrigo Capelato: *ensino superior vive uma crise de valores*



Hermes Figueiredo e Leandro Costa (à dir.): *parceria para introduzir cursos de empreendedorismo nas instituições de ensino superior*

Uma aposta no empreendedorismo

Radicado nos Estados Unidos, o indiano Romesh Wadhwani se encaixa bem no rótulo de empreendedor-serial. Ele já criou mais de 30 empresas, sendo seis 'unicórnios', como o mercado batiza as startups que atingem rapidamente o valor de 1 bilhão de dólares. Com esse currículo e uma fortuna estimada em US$ 3,3 bilhões de dólares, o empreendedor sentiu que era hora de contribuir com o desenvolvimento de seu país natal. Assim nasceu a Fundação Wadhwani, criada na Índia, mas hoje presente em aproximadamente **25 países**.

Recém-chegada ao Brasil, a fundação fechou parceria com o Semesp para introduzir cursos de empreendedorismo na grade dos programas de graduação. O primeiro contato entre a fundação e a entidade aconteceu na Índia, durante a 11ª Missão Técnica Internacional.

"Precisamos de jovens que vão para a universidade para procurar ser empreendedor, e não depender de emprego. Precisamos cada vez mais de empreendedores, que gerarão outros empregos", declarou Hermes Ferreira Figueiredo, presidente do Semesp, na ocasião de assinatura do acordo, ocorrida no seminário *O futuro do ensino superior*.

De acordo com Leandro Costa, gestor de projetos da Fundação Wadhwani, serão selecionados 20 professores, de diferentes instituições de ensino, para participar da iniciativa. Eles receberão treinamento para replicar em suas instituições de ensino dois cursos de empreendedorismo, sendo um módulo básico e outro avançado.

dador e presidente da Fiap, instituição parceira do seminário *O futuro do ensino superior*. "Temos uma carência de talentos em nosso país e precisamos vencê-la através de uma formação de qualidade e de requalificação de talentos", avaliou. "Vivemos em um mundo cada vez mais conectado e já temos à mão as tecnologias e as plataformas para impactar nossas IES e a nossa sociedade, entregando uma educação de forma transformadora."

Nesse processo de transformação, os gestores devem buscar referências fora da área educacional, questionar o porquê de cada coisa e até considerar opções, à primeira vista, impensáveis. "Se vamos aprender sempre, precisamos de ciclos escolares? Em vez de cobrar mensalidade, por que não transformamos os alunos em sócios? Exatas e humanas precisam continuar separadas? E por que os alunos não esperam a próxima aula como esperam o próximo episódio?", questionou Wagner Sanchez, diretor acadêmico da Fiap.

Se o mercado está sendo dominado pelas "organizações exponenciais", termo criado para se referir às empresas que desenvolvem soluções pelo menos 10 vezes melhores, mais rápidas e de menor custo que as empresas estabelecidas no mercado, Sanchez fez outra provocação: "Por que as escolas não podem ser exponenciais também?".

Em sua opinião, o caminho para isso passa necessariamente pela tecnologia. "Estamos presenciando diariamente a fusão da vida e da tecnologia", complementou. "A tendência é continuarmos acelerando. Mas a questão não é só tecnologia, mas os modelos de negócios digitais. Precisamos focar os novos postos que a tecnologia irá criar nos próximos anos e transformar os modelos de ensino e de aprendizagem", finalizou. **(MK)**

Romesh Wadhwani se juntou à organização filantrópica Giving Pledge, fundada em 2010 nos Estados Unidos por Bill Gates, Melinda Gates e Warren Buffett, e se comprometeu a doar 80% de sua fortuna pessoal

Giuliano Grici Zacarin

Diálogo com a **educação básica**

Giuliano Grici Zacarin, professor do curso de Biologia do Centro Universitário Hermínio Ometto, já levou mais de 12 mil crianças ao campus para atividades educativas



Localizado em Araras, no interior de São Paulo, o Centro Universitário Hermínio Ometto está instalado em uma área de 392.508 m², o que equivale a aproximadamente 55 campos de futebol. Entre outras instalações, o campus abriga um arboreto, onde se encontram várias espécies de árvores, arbustos e plantas medicinais, e um museu de zoologia, composto por coleções didáticas de plantas, rochas e animais taxidermizados, o carro-chefe do acervo.

São claramente espaços de interesse público, mas quem mais usufruía deles era a comunidade acadêmica. Isso até 2013. Deste ano em diante, tanto o museu como a área de mata passaram a receber alunos de escolas públicas para atividades educativas. Seu idealizador foi o professor do curso de Ciências Biológicas Giuliano Grici Zacarin, um grande entusiasta do projeto de extensão.

As visitas são gratuitas e incluem a realização de trilhas e atividades educativas desenvolvidas pelos alunos da graduação, que também atuam como monitores. A programação varia conforme a faixa etária e a necessidade das escolas que estão fazendo a visita, explica Zacarin. "Muitas escolas pedem atividades especiais para dar continuidade ao tema que estão trabalhando naquele momento. Já tivemos uma edição sobre dinossauros e, recentemente, uma sobre Ipês", descreve.

"Nosso museu é muito completo, com praticamente todos os grupos de animais. As crianças ficam encantadas e aprendem muito. Também já tivemos casos de jovens que decidiram estudar Biologia depois de participar do projeto", relata. O projeto também traz benefícios para os alunos da graduação. O principal deles é o contato com as crianças, uma oportunidade que os ajuda a se preparar para o exercício da docência. "A monitoria não é uma atividade fácil. Às vezes recebemos várias turmas ao mesmo tempo e as crianças 'bombardeiam' os monitores com perguntas. É preciso estar muito bem preparado", conta. "O momento em que você mais aprende é o momento que você ensina. E não tem nada mais gostoso do que ensinar", finaliza o professor. Graças à sua iniciativa, mais de 12 mil crianças e jovens já visitaram o campus do centro universitário.

O crédito educacional que transforma vidas

- **47 anos** de atividades
- **+ de 80 mil estudantes** beneficiados
- **+ de 200 instituições** conveniadas
- Atuação em **todas as regiões do Brasil**
- Soluções para **captar**, **fidelizar** e **resgatar da evasão**

Pioneirismo e parceria estratégica com Instituições de Ensino de todo Brasil.



Giórgia Venzon
Estuda nutrição com o crédito educacional da Fundacred

Solicite uma conversa

(51) 3016.6557
(11) 3624.0550
(81) 3221.1478
(31) 3972.1776
comercial@fundacred.org.br

FUNDACRED

Exposição

Arqueologia do futuro



Residência Todoroki (Tokyo, 2017)

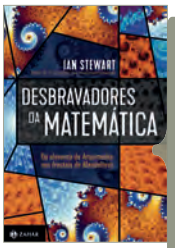
Crédito: Atelier Tsuyoshi Tane Architects

Tsuyoshi Tane é considerado um dos mais importantes arquitetos japoneses da nova geração. Além do talento reconhecido mundialmente, Tane tem uma particularidade: seu trabalho sempre parte de uma pesquisa arqueológica, por meio da qual ele busca histórias e referências locais para a elaboração de cada concepção. Dentro desta lógica, sua arquitetura manifesta as memórias do lugar, tornando-a especial e de amplo interesse público, como comprova a exposição *Tsuyoshi Tane | Arqueologia do Futuro – Memória & Visão*, em cartaz na Japan House até 13 de outubro. Ao todo, serão apresentados 15 projetos representados por meio de 600 objetos, entre eles cinco maquetes de grande porte, modelos de estudo e os mais diversos materiais e utensílios encontrados nos locais de cada projeto. Entrada gratuita.

Indicações

MATEMÁTICA

Com diversos livros publicados, o matemático Ian Stewart apresenta a vida e a obra de 25 homens e mulheres que fizeram contribuições cruciais para seu campo, como Isaac Newton, com as leis do movimento e da gravidade, e Muhammad al-Khwarizmi, cujo trabalho nos deu o algoritmo e a álgebra. Ada Lovelace e Alan Turing são outros presentes.



Desbravadores da matemática – Da alavanca de Arquimedes aos fractais *de Mandelbrot – Ian Stewart (Zahar, 328 págs., R$ 79,90)*

EDUCAÇÃO

O livro é construído em torno de cinco princípios inspirados na vida de Paulo Freire: a vida; a igualdade (no início, como pressuposto, e não como finalidade da educação); o amor (não apenas pelas pessoas, mas também pela posição educadora que se ocupa); a errância e a infância (como impulso vital).



Paulo Freire mais do que nunca – *Walter Kohan (Vestígio, 272 págs., R$ 49,80)*

DICA DO PROFESSOR



O humano do mundo. Diário de uma psicóloga sem fronteiras, de Debora Noal (Astral Cultural, 2017)

Escrito por Debora Noal, psicóloga brasileira da ONG Médicos sem Fronteiras, o livro aborda a experiência da autora no Haiti durante o período imediatamente posterior à ocorrência do terremoto seguido de tsunami. A obra é atual, pois fala sobre migração e refúgio com um toque humano. As dores, os medos e os amores das pessoas atendidas, mesmo no meio de tanto desamor, estão impressos no livro.

Patricia Gorisch *é professora do mestrado em Direito da Saúde da Universidade Santa Cecília (Unisanta) e da Faculdade de Direito da Unisanta.*

2º JORNADA DA EMPREGABILIDADE

Lançamento do 1º Ranking de Empregabilidade do Brasil

10/10

14H ÀS 19H

SÃO PAULO – SP

Acesse e saiba mais:
SEMESP.ORG.BR

A Jornada de Empregabilidade, organizada pela Symplicity Brasil, o Grupo A e o SEMESP, tem como objetivo reunir especialistas, líderes de Instituições de Ensino Superior (IES) e profissionais do mercado para discutir os desafios e a importância de estratégias de empregabilidade em faculdades e universidades. Em resumo, queremos aprimorar a jornada de carreira de estudantes e egressos, além de impactar o diferencial competitivo das IES por meio de pilares como captação, retenção e escala.

Vamos trazer diferentes perspectivas sobre o ecossistema de carreira em Instituições de Ensino, abordando as visões dos alunos, dos empregadores e das Instituições de Ensino.

grupo a EDUCAÇÃO

symplicity®

SEMESP 40 ANOS



meta red
BRASIL

Participe do primeiro encontro da Metared no Brasil!

Um evento que reunirá gestores de TI e Comunicação (TIC) de IES de todo o país para discutir a era digital

Data: 08 de outubro, a partir das 08:30
Local: Universidade Cruzeiro do Sul, Campus Anália Franco

INSCRIÇÕES GRATUITAS

O evento reunirá os responsáveis de tecnologia das universidades brasileiras, iniciando uma colaboração entre as instituições brasileiras e de outros países ibero-americanos.

Os debates serão sobre temas como:

- Tecnologias Educativas;
- Análise, Indicadores e Governança em TI;
- Cibersegurança;
- Relação com provedores.

Saiba mais em semesp.org.br/eventos

Organização:

meta red BRASIL universia SEMESP Universidade Cruzeiro do Sul